

Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia  
Mestrado em Psicologia

**CRENÇA NA JUSTIÇA SOCIAL E ADMIRAÇÃO PELAS  
CELEBRIDADES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

**Lila Maria Spadoni Lemes**

Goiânia-Goiás  
Dezembro de 2004

Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia  
Mestrado em Psicologia

**CRENÇA NA JUSTIÇA SOCIAL E ADMIRAÇÃO PELAS  
CELEBRIDADES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

**Lila Maria Spadoni Lemes**

Dissertação apresentada ao Mestrado  
de Psicologia da Universidade Católica de  
Goiás, como requisito parcial para obtenção  
do grau de Mestre em Psicologia.  
Orientadora: Profa Dra Ana Raquel Rosas  
Torres

Goiânia-Goiás  
Dezembro de 2004

*Para mim, a construção deste trabalho se confundiu com a construção de uma nova identidade profissional e com a reestruturação da minha vida pessoal. Por isso eu dedico este trabalho a todos que participaram e contribuíram para esse processo de crescimento.*

*À Deus, que foi a mola propulsora de todo esse processo.*

*À meu esposo e a meus filhos, por serem a motivação essencial de todos os meus atos.*

*À Ana Raquel Rosas Torres, por seu exemplo, que me serviu de motivação.*

*Aos meus pais e irmãos, pelas orações e pela torcida.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram e incentivaram na realização deste trabalho. De forma especial, eu agradeço meu amor Fernando, que me auxiliou muito em todos os aspectos. Sem ele eu não conseguiria essa vitória. A Prof. Dra Ana Raquel Rosa Torres porque além de orientadora, ela foi uma amiga e um exemplo, que me impulsionou a buscar melhorar sempre. A mestra Jordana Consorte, pelo empenho e dedicação em ler e contribuir para a melhoria deste trabalho. As amigas Margareth Faria, Thalita Leite e Simone Jaime, bem como a todos os componentes do Grupo de Pesquisas em Processos grupais. Aos brilhantes professores que tive no mestrado. Ao meu querido irmão Joel, por ser meu companheiro com quem divido o interesse pela psicologia. A minha irmã Lenise, que tem sido uma amiga de todas as horas. Ao meu pai de quem “herdei o interesse pelo indivíduo” e a minha mãe de quem eu “herdei” o interesse pelo social. Muitos foram os que participaram da consolidação deste projeto, citar a todos seria humanamente impossível, por isso agradeço a todos que sabem e reconhecem que foram importantes nesse momento da minha vida.

## SUMÁRIO

Folha de Avaliação .....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos .....	iii
Sumário .....	iv
Lista de Tabelas .....	vi
Lista de Figuras.....	viii
Resumo .....	ix
Abstract.....	x
Apresentação.....	01
Capítulo I – Representações Sociais: a Articulação de Conceitos Psicológicos e Sociais .....	09
I – Representações Sociais.....	09
I.1 – Representações Sociais, Atitudes, Crenças e Ideologias.....	14
I.2 – A psicologia Societal.....	17
II – Os Estudos das Atitudes.....	21
II.1 – Os Conceitos de Atitudes .....	25
II.1.1 – Atitudes X Crença .....	27
II.1.2 – Atitude X Ideologia.....	28
II.2 – A Formação das Atitudes e a Teoria da Ação Refletida .....	29
Capítulo II – Crença no Mundo Justo: a Atualidade de uma Definição Antiga .....	32
I – O Sistema de Crenças .....	32
I.1 – A Dinâmica do Sistema de Crenças .....	35
I.2 – A Questão da Justiça .....	36
II – Crença no Mundo Justo.....	45

II.1 – A Crença no Mundo Justo e a Desvalorização das Vítimas.....	49
II.2 – A Unidimensionalidade ou a Multidimensionalidade da CMJ e suas Dificuldades de Medição.....	53
II.3 – Os Correlatos da Crença no Mundo Justo .....	55
II.3.1 – O Autoritarismo .....	56
II.3.2 – Religiões.....	57
II.3.3 – Ideologias Político-Sociais.....	57
II.3.4 – Atitudes Sociais.....	59
II.3.5 – Outros Fatores Correlatos .....	60
II.3.6 – A Crença no Mundo Justo como um Mecanismo de Reprodução Saudável .....	60
II.4 – Crença no Mito de Ascensão Social.....	61
Capítulo III – Métodos e Resultados .....	67
Estudo I: A fama e os famosos .....	68
Estudo II: Atitude em Relação às Celebridades, Crença no Mundo Justo e Crença Mobilidade Social .....	73
Considerações Finais .....	93
Referências Bibliográficas.....	98
Anexo 1 – Instrumento do Estudo 1 .....	104
Anexo 2 – Instrumento do Estudo 2 .....	105

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Classificação e porcentagem das respostas sobre as razões que levam uma pessoa a ficar famosa .....	70
TABELA 2. Classificação e porcentagem das celebridades que os participantes admiram .....	71
TABELA 3. Classificação e porcentagem das justificativas dos participantes à admiração que eles têm pelas celebridades citadas .....	71
TABELA 4. Classificação e porcentagem das justificativas para a dificuldade ou facilidade da vida das celebridades.....	73
TABELA 5. Médias, Desvio Padrão (entre parênteses) e Teste t da Renda Familiar (em reais) por Local de Coleta de Dados.....	74
TABELA 6. Médias, Desvio Padrão (entre parênteses) e Teste Estatístico das Atitudes em Relação às Celebridades em Função do Local de Aplicação do Questionário .....	79
TABELA 7. Cargas Fatoriais, Eigenvalue, Variância Explicada e Fidedignidade da Escala de Crença na Mobilidade Sócia.....	80
TABELA 8. Cargas Fatoriais, Eigenvalue, Variância Explicada e Fidedignidade da Escala de Atitudes em Relação à Vida Pessoal das Celebridades .....	82
TABELA 9. Correlações Bivariadas entre as Perguntas sobre CMJ, os Fatores de Mobilidade Social e a Escala de Atitudes em Relação à Vida Pessoal das Celebridades, (participantes do aeroporto) .....	84
TABELA 10. Regressão Múltipla, pelo método Stepwise, utilizando como variável critério as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades e como variável antecedente a CMJ I, CMJ II, CMJ III, crença na mobilidade social pelo	

apadrinhamento e beleza, crença na mobilidade social pelo esforço, renda e idade dos participantes.....	86
TABELA 11. Regressão Múltipla, pelo método Stepwise, utilizando como variável critério as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades e como variável antecedente a CMJ I, CMJ II, CMJ III, crença na mobilidade social pelo apadrinhamento e beleza, crença na mobilidade social pelo esforço, renda e idade dos participantes.....	88
TABELA 12. Regressão Múltipla, pelo método stepwise, utilizando como variável critério as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades e como variável antecedente a crença na mobilidade social pelo apadrinhamento e beleza, crença na mobilidade social pelo esforço, renda e idade dos participantes .....	89
TABELA 13. Regressão Múltipla, pelo método Stepwise, utilizando como variável critério as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades e como variável antecedente a crença na mobilidade social pelo apadrinhamento e beleza, crença na mobilidade social pelo esforço, renda e idade dos participantes .....	90

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Intersecção dos níveis de análise de Doise (1982) com a teoria da CMJ de Lerner (1980) .....	43
Figura 2. Gráfico das médias, medianas e modas das três perguntas sobre CMJ.....	77

## RESUMO

Este estudo pretende investigar as atitudes como representações sociais, segundo propõe Doise (2002), buscando investigar as ancoragens das atitudes no sistema de crenças. Mais especificamente pretendemos investigar as atitudes das pessoas em relação às celebridades do entretenimento, e temos a hipótese de que essas atitudes podem estar ancoradas na crença num mundo justo (Lerner, 1975) e na crença na mobilidade social (Tajfel, 1982). A nossa hipótese é que, no Brasil, as celebridades são exemplos de ascensão social que se relacionam com a crença de que recebemos aquilo que merecemos. Cem participantes foram escolhidos aleatoriamente no principal aeroporto do estado de Goiás, e outros cem participantes foram escolhidos aleatoriamente em dois terminais rodoviários do mesmo estado, durante o mês de agosto de 2004. Os resultados indicam que a crença na mobilidade social através do esforço individual se relaciona com as atitudes positivas em relação às celebridades. A alta crença num mundo justo, por sua vez, funciona como moderador entre as atitudes individuais em relação às celebridades e a crença na mobilidade social. Esses resultados são analisados como as novas roupagens da antiga premissa de que a má qualidade de ensino do Brasil serve a propósitos políticos e ideológicos de manutenção do “*status quo*”. À medida que a convivência com a desigualdade social vem se tornando mais premente, os mecanismos ideológicos vão se aprimorando e se tornando cada vez mais sutis.

## ABSTRACT

This study intends to investigate the attitudes like a Social Representation, according to Doise (2002), investigating the anchors of attitudes in a belief system. More specifically we intend to investigate the attitudes of people related to the celebrities of the showbiz (or entertainment), and we have the hypothesis that these attitudes might be anchored in the belief of a just world (Lerner, 1975) and in the belief of social mobility (Tajfel, 1982). Our hypothesis is that, in Brazil, the celebrities are examples of social ascension that relate itself with the belief that we get what we deserve. One hundred participants were chosen at random in the main airport of Goiás, and another hundred in two bus station of the same state, during the month of August of 2004. The results indicates that the belief in the social mobility through the individual effort is related with the positive attitudes in relation to celebrities. The high belief in a just world, works as a moderator between the individual attitudes in relation to celebrities and the belief in the social mobility. These results are analyzed as the new status built on top of old ones that establishes that the bad quality of teaching in Brazil serve to political and ideological purposes to maintain the *status quo*. As long as the social inequality becomes more present, the ideological mechanisms becomes more accurate and more subtle.

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho investigou se o fenômeno do interesse popular pelas vidas privadas das celebridades brasileiras relaciona-se com a Crença no Mundo Justo e com a crença na mobilidade social, pois no Brasil, grande parte das celebridades do entretenimento são pessoas que tiveram uma ascensão social rápida, quase milagrosa. São pessoas que saíram das favelas, das periferias, e tornaram-se milionárias através da fama: jogadores de futebol, cantores, bailarinas e, recentemente, alguns participantes de “reality shows”.

Esse fenômeno das celebridades é bastante recente e leva-nos a pensar numa excessiva valorização do individual. Com a globalização, hoje existem pessoas mundialmente conhecidas e admiradas principalmente no contexto artístico. De acordo com Farr (2001) “desde o Renascimento o individualismo tem sido um componente essencial da tradição intelectual do Ocidente” (p.135). Logicamente, esse individualismo, característico da modernidade, perpassa atualmente a construção das culturas ocidentais de diversas maneiras, inclusive pela mídia, que produz esse fenômeno de criar e vender informações sobre a vida particular das celebridades.

A revista Época (Velo, 2002), traz uma matéria com o título “A fama como profissão”, onde constata: “... os reality shows deixaram claro o tipo com o qual os brasileiros mais se identificam; sempre venceram, eleitas pelo voto popular, pessoas simples e pobres” (p.59). Isto propicia questionamentos a respeito das necessidades e desejos do ser humano e a forma como ele constrói soluções culturais para suas demandas.

De acordo com o último levantamento do IBGE, o salário médio do brasileiro varia de duzentos a oitocentos reais, com uma clara distinção entre homens e mulheres,

brancos e negros. Na base da pirâmide estão as mulheres negras, depois as mulheres brancas, os homens negros e no topo da pirâmide os homens brancos.

Mas a mídia divulga uma realidade totalmente diferente, com exemplos de mulheres e negros ricos, famosos, como protótipos de ascensão social rápida, como se não existisse uma estratificação social num país onde a mobilidade social é uma raridade. São exceções amplamente divulgadas que alimentam esperanças, que constituem um ideal a ser alcançado ignorando as barreiras do preconceito e fazendo da mobilidade social um sonho possível.

Diante de uma realidade tão adversa, o povo sonha. No entanto esse sonho passa por exemplos individuais e não por uma perspectiva de melhoria coletiva. O sonho é ser o desigual, é ser a exceção à regra da impossibilidade da ascensão social.

Tal fenômeno gera questionamentos sobre a dinamicidade de uma cultura, mas também nos leva a considerar a existência de uma ideologia que sustenta uma determinada estrutura de poder. Não se pode ignorar o papel preponderante da mídia no processo de contínua construção da cultura e das ideologias predominantes no século XXI.

Guattari (citado em Rey, 2003) nos diz:

O que é produzido pela subjetividade capitalística, e que nos chega por meio da mídia, da família, enfim de todos os equipamentos que estão em volta, não são apenas idéias; não é a transmissão de significados mediante enunciados significantes; nem são modelos de identidade ou identificação com pólos maternos, paternos, etc. São, mais essencialmente, sistemas de conexão direta entre, de um lado, as grandes máquinas produtoras de controle social e, de outro, as instâncias psíquicas, a forma de perceber o mundo (p.113).

Guattari deixa claro nessa citação a existência de meios de controle que servem para manter os indivíduos dentro dos limites impostos pela estrutura de poder de uma determinada época. No capitalismo ocidental, parece que uma força entre as mais poderosas utilizadas para efetivação deste controle é a mídia, como foi lembrado pelo autor na citação acima.

Podemos, portanto, hipotetizar que o fenômeno das celebridades serve como artifício para alcançar tal objetivo de controle, reforçando cada vez mais a relação íntima do individualismo com as fundações do capitalismo, através de exemplos de sucesso próprios de uma sociedade de consumo.

Este trabalho, portanto, investigou se o fenômeno da admiração às celebridades do entretenimento brasileiro funciona como exemplo de ascensão social e como esse fenômeno se relaciona tanto com a Crença no Mundo Justo como com a crença de que no Brasil a mobilidade social é possível.

A palavra celebridade é definida pelo dicionário Aurélio como “a qualidade de célebre; fama, notoriedade” (p.303). Esse estudo, entretanto, refere-se apenas às pessoas que possuem essa qualidade de serem célebres por meio da mídia do entretenimento.

A relevância social deste estudo pode ser atestada pelo grande crescimento editorial das revistas que tratam das vidas das celebridades, desde a década de 1990. A revista Caras, de publicação semanal pode ser considerada a pioneira, tendo seu início datado no dia 16 de novembro de 1993. No levantamento feito junto à sua editora, a Abril, no ano de 2002, teve uma tiragem de 400 mil revistas semanais. Além disto levantamos que neste mesmo ano, a revista Isto é Gente, editora três, teve uma tiragem de 200 mil exemplares semanais, e a revista Chique e Famosos, editora Símbolo, teve uma tiragem de 100 mil exemplares semanais.

Esses dados fornecidos pelas editoras demonstram que aproximadamente 700 mil revistas são colocadas nas mãos dos leitores semanalmente em todo o país, sem contar outras publicações como Quem acontece da editora Globo e Conta Mais da editora Skala, além de outras que têm surgido recentemente.

Já a relevância teórico-científica deste estudo pode ser percebida nos estudos atuais que tratam deste tema. A questão das celebridades, por ser um fenômeno recente e muito visível, tem despertado o interesse de muitos pesquisadores. Basil (1996) afirma que várias pesquisas têm sido desenvolvidas para encontrar o efeito do endosso das celebridades no comportamento do consumidor. Para ele, as pesquisas nessa área dividem-se em três enfoques: pesquisas que descrevem o processo de identificação com as celebridades; pesquisas que examinam o efeito das celebridades no comportamento das pessoas; e pesquisas que mostram as condições contingenciais no processo de identificação.

Na revisão bibliográfica feita para este trabalho, encontramos pesquisas que possivelmente, não se classificam em nenhuma das três categorias de Basil. Isso se dá porque não tratam do efeito do endosso das celebridades sobre o consumidor e sim se concentram nas pessoas chamadas de “adoradores de celebridades”. O enfoque está nas pessoas que estabelecem um vínculo de admiração excessiva com uma ou com várias celebridades, que por alguns autores é considerado normal e por outros, é considerado maléfico ou até mesmo doentio.

É o caso de Dietz et al (1991) que investigou aqueles que perseguem celebridades da indústria do entretenimento através de cartas inapropriadas. Eles identificaram dezesseis fatores constantes nas cartas inapropriadas que se associam a tentativas de aproximação, tais como, visitar o local onde se acredita ser a casa da celebridade ou se comportar inapropriadamente em qualquer aparição pública onde a celebridade está presente e concluíram que os autores destas cartas sofrem de desordens

mentais. Raviv, Bar-Tal, Raviv e Bem-Horin (1996) pesquisaram a idolatrização de cantores populares por adolescentes, e concluíram que a idolatrização acontece mais nas fases entre 10 a 11 anos, pois nesse período os adolescentes começam um processo de estabelecimento da própria identidade, buscam independência dos pais, e começam a se engajar na cultura adolescente. Raviv et al (1996) propõem que a idolatrização é baseada em dois aspectos: na adoração, que se refere a uma admiração excessiva e não usual e a modelagem, que se refere ao desejo de ser como o ídolo. Greene e Price (1990) examinaram a influência da idade, gênero e desenvolvimento da puberdade nas atribuições que os adolescentes fazem para as celebridades e concluíram que a ligação secundária com uma celebridade favorita pode dar ao adolescente a oportunidade de experienciar os aspectos sexuais da sua identidade. Neste estudo o termo ligação secundária é descrito como relacionamentos fantasiosos que os adolescentes projetam em figuras distantes, como um músico ou artista de cinema. Ashe (2001) hipotetizou que a timidez e a solidão estão ligadas às relações parassociais com as celebridades. O termo interação parassocial foi criado para descrever relacionamentos por parte de um lado apenas, ou seja, quando uma parte sabe bastante sobre a outra, mas isso não é recíproco. Nesse estudo, os dados demonstram que a solidão se correlaciona com a atitude em relação às celebridades, mas a correlação com a timidez não foi comprovada.

McCutcheon e Maltby (2002) examinaram o estereótipo dos “adoradores de celebridades” nos Estados Unidos e na Inglaterra e concluíram que os ingleses têm uma visão mais positiva dos adoradores de celebridades enquanto que os americanos, que tiveram escores baixos na escala de adoração às celebridades, formam um estereótipo negativo dos adoradores das celebridades. Posteriormente, McCutcheon (2003) realizou um estudo relacionando a Crença no Mundo Justo, o Maquiavelismo e a tendência em adorar celebridades, que serve como modelo para o estudo aqui apresentado. Nessa última pesquisa citada, McCutcheon (2003) confirmou em seus resultados que aqueles

que acreditam num mundo justo tendem a ter sentimentos mais positivos sobre sua celebridade favorita, concluindo que “... de certo modo endossar as celebridades é endossar a sociedade justa que produz as celebridades” (p. 135).

No entanto, nossa pesquisa, apesar de ser inspirada na pesquisa de McCutcheon (2003), propõe analisar o interesse corriqueiro das pessoas pela vida privada das celebridades sob a perspectiva da psicologia sócio-cognitiva, ou seja, buscando a inserção deste fenômeno na organização societal das diferenças. Nosso tema, portanto, não aborda a admiração excessiva ou patológica como sugere o termo adoração, mas se detém na investigação do senso comum, como propõe os estudos das representações sociais, tentando compreender as mediações psicossociais do interesse das pessoas pela vida privada das celebridades, diferindo das pesquisas que já encontramos sobre este tema.

Pode-se então concluir que além das três categorias de pesquisas descritas por Basil (1996) aos estudos dedicados ao tema das celebridades, foi encontrada mais uma categoria (que trata dos adoradores das celebridades), e neste estudo propomos uma quinta categoria.

McCutcheon (2003) afirma que uma das razões pelas quais deveríamos nos importar com as pessoas que adoram as celebridades é que em geral as celebridades são modelos pobres para impressionar jovens. Neste trabalho, no entanto, a preocupação com o fenômeno das celebridades refere-se as teorias do senso comum, ou melhor as representações sociais que regem comportamentos individuais baseados no engano de que é possível ascender socialmente de forma miraculosa no Brasil.

A importância epistemológica deste estudo, portanto, está em investigar as relações existentes entre as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades do mundo do entretenimento e a adesão a sistemas de crenças que remetem à existência de um mundo justo e à possibilidade concreta da mobilidade social.

No primeiro capítulo, apresentamos a articulação teórica dos estudos sobre as atitudes com os estudos sobre representações sociais, propondo estudar as atitudes como representações sociais, tal qual propõe Doise (2002). Para isso, o conceito de crenças também é apresentado e articulado, pois as crenças são compreendidas como ancoragens das atitudes, semelhantemente ao que propõe a teoria da ação refletida de Fishbein e Ajzen (1975, citado em Lima, 1996). E, finalmente, o conceito de ideologia, pois este estudo pretende tratar da questão da distribuição da riqueza, sendo que tanto as crenças quanto as atitudes e enfim as representações sociais que pretendemos investigar, têm um caráter fortemente ideológico.

No segundo capítulo, apresentamos o conceito do sistema de crenças e as teorias psicológicas da justiça de Lerner (1975), onde nos detemos mais especificamente na Crença no Mundo Justo, que tem sido alvo de intensas investigações desde sua proposição na década de 1960. Apresentamos também a crença na mobilidade social proposta por Tajfel (1982), que nomeamos de mito da falsa ascensão social. Isso porque a nossa hipótese é que as atitudes das pessoas em relação à vida pessoal das celebridades do entretenimento estão ancoradas nestas duas crenças, ou seja, na crença na mobilidade social e na Crença no Mundo Justo, já que existem muitos exemplos, veiculados nas revistas e na mídia televisiva, de celebridades brasileiras do entretenimento que conseguiram subir de vida.

È importante ressaltar que o debate proposto neste estudo trata das crenças a cerca da ascensão social, que são justificadoras das ideologias e do padrão de distribuição de riquezas próprio da sociedade. Não se trata, portanto, da ascensão social propriamente dita, que envolveria a discussão dos processos históricos que a instituem.

A expressão coloquial “subir na vida” bem como a expressão “ascensão social” são utilizadas nesse trabalho, no sentido explicitado por Tajfel (1982) a respeito da mobilidade social, ou seja, no sentido do indivíduo conseguir abandonar seu grupo

social e aderir a um outro grupo ou classe social que esteja posicionada socialmente como superior ou detentora de mais riqueza e poder.

No terceiro capítulo, apresentamos os resultados dos dois estudos empíricos realizados para este trabalho. O primeiro estudo teve como finalidade investigar como o fenômeno das celebridades foi objetivado pelos participantes, ou seja, nosso objetivo foi levantar os principais conteúdos que compõem as teorias do senso comum sobre as celebridades. O segundo estudo investiga os princípios organizadores das diferenças individuais de cada um desses sistemas de crenças e as ancoragens das atitudes em relação às celebridades, que como propomos inicialmente, estariam nas crenças em que é possível ascender socialmente e em que o mundo é um lugar justo.

No quarto capítulo, discutimos os resultados encontrados ressaltando o fato que a Crença no Mundo Justo funciona como moderadora entre as atitudes das pessoas em relação às celebridades e a crença na mobilidade social. Discutimos também a possível existência de um outro fator que influencia na crença na mobilidade social, além da Crença no Mundo Justo, que seria o Maquiavelismo. Isto significa que as pessoas crêem que podem subir de vida através de duas vias: o esforço e o mérito próprio, que estaria mediado pela CMJ; e a via do apadrinhamento e da beleza física que estaria ancorada ou mediada pelo Maquiavelismo.

Além disto, ainda no quarto capítulo discutimos a dificuldade de medição da CMJ, que creditamos a uma predominância do viés empírico, como propõe Rouquette (2003), ou seja, na predominância de um pensamento mais concreto, com ênfase nos aspectos práticos, menos teóricos, privilegiando o conteúdo e as exceções, em detrimento da forma e das regras.

## Capítulo 1

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: A ARTICULAÇÃO DE CONCEITOS PSICOLÓGICOS E SOCIAIS

Este capítulo apresenta dois temas essenciais para fundamentação teórica deste trabalho: o estudo das representações sociais, proposto por Moscovici, e os estudos sobre as atitudes. Estes dois temas são articulados pela proposta de uma psicologia societal, que supere a clivagem entre os conceitos psicológicos e os conceitos sociológicos. Neste sentido, as atitudes são estudadas como representações sociais, seguindo a idéia de Doise (2001), de estudar as ancoragens das atitudes nas relações sociais.

### I - Representações Sociais

O estudo das representações, tal como proposto por Moscovici (1978), abriu uma nova perspectiva epistemológica para a psicologia social. Principalmente pelo fato de ter delimitado um campo específico da psicologia para abordar os fenômenos sociais.

Situado no limiar entre a psicologia e as ciências sociais, o estudo das representações sociais preocupa-se com o fenômeno atual, com a vida cotidiana, com os aspectos da vida diária do indivíduo que são compartilhados socialmente e, logicamente, perpassados por uma lógica social.

O conceito de representação exprime uma relação entre o indivíduo e o objeto. No entanto, esta relação não é simplesmente a de registrar o objeto tal como ele o é, e sim de reconstruí-lo, de reinventá-lo. Para Moscovici (1978) a representação tem dois aspectos: o perceptivo e o conceitual. Em seu aspecto perceptivo, ela registra e percebe o objeto; em seu aspecto conceitual, ela se distancia de seu contexto material para

formar um conceito. Portanto, o termo representação é usado no sentido da apropriação do objeto pelo indivíduo, e o termo social especifica que esse processo de apropriação é produzido, é engendrado socialmente.

Logicamente que esse é um processo de conhecimento, e como tal, leva a marca social da linguagem. As formas de pensar um objeto são marcadas por uma linguagem histórica, que interage socialmente, e são exatamente as teorias construídas a partir do senso comum que vivificam as palavras, dando-lhes novos sentidos, que constituem o grande interesse epistemológico do estudo das representações sociais.

Isso porque se tem como pressuposto básico a existência de um elo entre o pensamento social e as condutas e comportamentos humanos. O estudo do senso comum pode explicar a conduta humana, principalmente no que diz respeito à interação social, pois esse saber chamado de ingênuo ou natural, é determinante na relação do indivíduo com os outros e com o mundo.

Portanto, se uma representação social é uma preparação para a ação, ela não o é somente na medida em que guia o comportamento, mas sobretudo na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar. Ela consegue incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes. (Moscovici, 1978, p. 49).

É nesse sentido que, como foi dito acima, o conceito de representação social situa-se no limite entre o social e o individual, pois não existe uma fronteira definida entre o que é externo e o que é interno. Esse elo entre essas duas instâncias é muito complexo, não tem como ser apreendido com teorias ou delimitações simplistas.

Moscovici (1978) começou observando as modificações que o conhecimento científico sofria ao penetrar no domínio público. Noções psicanalíticas como inconsciente, complexo, libido, passaram a fazer parte das conversações cotidianas dos franceses dos anos 1950. Moscovici não se interessou apenas no porque isso aconteceu, mas principalmente ele se interessou pelo processo de como isso aconteceu.

Para ele, quando algo novo ingressa no campo intelectual de um indivíduo ou grupo, um conflito é suscitado entre o medo do desconhecido e a necessidade de se conhecer. Ao mesmo tempo em que existe uma resistência ao novo, esse novo rapidamente se espalha. Moscovici afirma que isso acontece porque há um desejo de escapar do controle daquele que já domina o conhecimento, e por isso cada um se sente compelido a buscá-lo. Ao ser gradativamente incluído no conhecimento que chamamos de senso comum, essa nova informação passa por dois processos denominados de objetivação e ancoragem.

“A objetivação faz com que se torne real um esquema conceptual, com que se dê a uma imagem uma contrapartida material, resultado que tem, em primeiro lugar, flexibilidade cognitiva...” (Moscovici, 1978, p.111)

A ancoragem parte do princípio de que, quando um indivíduo pensa num novo objeto, ele não o pensa no vazio, como se sua mente fosse uma *tabula rasa*. Pelo contrário, ele compara esse objeto com algo já conhecido. Por outro lado, o categoriza dentro das complexas redes de conhecimento que já possui.

A ancoragem corresponde exatamente na incorporação ou assimilação de novos elementos de um objeto em um sistema de categorias familiares e funcionais aos indivíduos e que lhes estão facilmente disponíveis na memória. A ancoragem permite ao indivíduo integrar o objeto da representação em um sistema de valores que lhe é próprio, denominando-o e classificando-o em função dos laços que este objeto mantêm com sua inserção social (Oliveira Almeida, 1996, p.8).

O conceito de ancoragem é de extrema importância para os estudos atuais sobre as representações sociais, especialmente para a abordagem societal de Doise, Clemence e Lorenzi-Cioldi (1993), que dá ênfase na investigação das ancoragens das representações sociais que levam às tomadas de posições individuais dentro das realidades simbólicas coletivas. Lembrando que o conceito de ancoragem adotado por Doise e colaboradores (1993) se diferencia do conceito original de Moscovici, já que para Doise, a ancoragem, e os seus mecanismos são os fatores que influenciam nas tomadas de posição simbólica do indivíduo, como por exemplo, as opiniões e as atitudes de um indivíduo em relação a um objeto social. No caso deste trabalho, buscamos investigar as ancoragens que levam os indivíduos a se interessarem pela vida pessoal das celebridades do entretenimento, acreditando que também podem ascender socialmente.

Com esses dois processos de formação das representações sociais, Moscovici explica a organização dos conteúdos do pensamento, ou seja, como o novo é significado a partir do velho, e como o velho é então ressignificado a partir do novo. Dessa forma não apenas se afirma o caráter constitutivo das representações pelo indivíduo, mas se demonstra como isso acontece, pois através dos conceitos de objetivação e ancoragem fica claro como o indivíduo reconstrói esse objeto ao representá-lo, partindo do que ele já conhece e já experienciou.

Até aqui foram abordados dois fatores essenciais para a compreensão das teorias das representações sociais. Em primeiro lugar, a compreensão das representações como reconstruções do objeto socialmente determinadas em torno das quais se formam teorias do senso comum. Em segundo lugar, o pressuposto básico de que essas teorias do senso comum são determinantes nas condutas e atitudes individuais.

Outra questão crucial para essa compreensão é a ligação entre essas teorias e a pertença social do indivíduo. Isto quer dizer que existe uma relação entre o lugar social

do indivíduo e suas representações sociais, ou ainda que a inserção social do sujeito influencie na organização e no conteúdo de seu pensamento e vice-versa.

Partilhar uma idéia ou uma linguagem é também afirmar um vínculo social e uma identidade. Não faltam exemplos de que essa função é evidente, quanto mais não fosse na esfera religiosa ou política. A partilha serve à afirmação simbólica de uma unidade e de uma pertença. A adesão coletiva contribui para o estabelecimento e o reforço do vínculo social, (Jodelet, 2001, p.34).

Esses três aspectos que enfatizamos sobre as representações sociais podem clarificar bastante seu conceito. Jodelet (citado em Oliveira Almeida, 1996) a define como:

Forma de conhecimento corrente, dito senso comum, caracterizado pelas seguintes propriedades: 1. socialmente elaborado e partilhado; 2. Tem uma orientação prática de organização, de domínio do meio ( material, social, ideal) e de orientação de condutas e da comunicação; 3. Participa do estabelecimento de uma visão de realidade comum a um dado conjunto social ( grupo, classe, etc) ou cultural, (p.3).

Portanto, dentro da conceituação das representações sociais é necessária a evidência desses aspectos, principalmente para que o conceito não seja confundido ou utilizado de maneira errônea, como uma simples visão de mundo. Os processos de objetivação e ancoragem também são fundamentais, pois a ênfase da teoria está justamente nos processos que levam o indivíduo a assimilar o novo.

Por esses fatores, os estudos de representações sociais são de grande importância para um entendimento mais amplo do indivíduo e da coletividade. Isso também demonstra a complexidade da teoria e da investigação desse campo de estudo que lida constantemente com a tensão entre o psicológico e o social. Há na verdade, várias

abordagens e uma grande variedade de trabalhos, como afirma Doise na citação abaixo, e um receio de reducionismos que comprometam o caráter híbrido de seu conceito.

A pluralidade de abordagens da noção e a diversidade de significações que veiculam fazem dela um instrumento de trabalho difícil de manipular. Mas a própria riqueza e a variedade dos trabalhos inspirados por ela fazem com que se hesite em fazê-la evoluir por um reducionismo que privilegiaria, por exemplo, uma abordagem exclusivamente psicológica ou sociológica. Seria exatamente tirar-lhe sua função de articulação de diferentes sistemas explicativos. Não se pode eliminar da noção de representação social as referências aos múltiplos processos individuais, interindividuais, intergrupais e ideológicos que freqüentemente regem mutuamente uns aos outros e cujas dinâmicas de conjunto resultam nessas realidades vivas que são, em última instância, as representações sociais, (Doise, citado em Jodelet, 2001, p.26).

De acordo com Jodelet (2001) observam-se hoje três particularidades marcantes nos estudos de representações sociais: a vitalidade, a transversalidade e complexidade. Essas particularidades explicam e caracterizam os trabalhos nesse campo de estudo. No caso deste trabalho específico, essas particularidades servirão para explicar e justificar o uso de outras teorias e conceitos concomitantemente ao conceito e à teoria das representações sociais, numa tentativa de obter uma noção integrada de diferentes teorias sobre um mesmo fenômeno. É o que será elucidado a seguir.

### **I.1 - Representações Sociais, Atitudes, Crenças e Ideologias.**

Como dito anteriormente, Jodelet (2001) destacou três particularidades que caracterizam o “estado da arte” do estudo das representações sociais atualmente: a vitalidade, se referindo ao interesse acadêmico crescente no estudo do assunto; a

transversalidade e a complexidade, que são de grande interesse para esclarecer a articulação, neste trabalho, dos estudos de representações sociais com os estudos sobre atitudes, crenças e ideologias.

A vitalidade diz respeito ao percurso histórico do conceito de Moscovici, que passou por um período de latência enquanto predominavam, de um lado, o behaviorismo e de outro o Marxismo. Ambos impediam o pleno desenvolvimento de estudos nessa área, o behaviorismo na psicologia, negando validade aos fenômenos mentais; e o Marxismo nas ciências sociais, que julgava este tipo de estudo como idealismo. A vitalidade, portanto, se refere ao atual recrudescimento das pesquisas em representações sociais.

A transversalidade, por sua vez, refere-se ao interesse de outras disciplinas pelo estudo das representações que, basicamente, interessa a todas as disciplinas das ciências humanas e sociais. Isso tem trazido a possibilidade da articulação de diversos campos de pesquisa. Não há nenhuma pretensão, por exemplo, dos estudos de representações sociais em substituir os estudos sobre ideologias, crenças, atitudes, valores sociais e outros; pelo contrário, há sim a tentativa de estabelecer articulações entre eles. É o que será feito neste trabalho, partindo dos estudos dos sistemas de crenças e das atitudes, mais especificamente da Crença no Mundo Justo, e da crença na mobilidade social, com a hipótese de que essas crenças de alguma forma ancoram o interesse pela vida pessoal das celebridades, num falso mito de ascensão social no Brasil.

A pergunta epistemológica é se o interesse pela vida pessoal das celebridades do entretenimento está correlacionado com a esperança enganosa de que no Brasil é possível ascender socialmente, e se esta esperança estaria ancorada, de alguma forma, relacionada com a crença de que o indivíduo recebe aquilo que ele merece (Lerner, 1975).

Os estudos sobre as atitudes são utilizados como ponto de partida, onde as representações sociais a respeito do interesse pela vida pessoal das celebridades se manifestam, afinal utilizaremos as medidas escalares de Likert (1970) para chegarmos a existência ou não dessas representações.

Mas no âmago deste tema está a questão da distribuição da riqueza e a forma como os indivíduos lidam e interpretam suas disparidades tão marcantes e perturbadoras. Desse modo, também abordamos, ainda que de uma maneira menos profunda, dos temas ideologia e justiça.

Essa transversalidade dos estudos nesta área da Psicologia Social é algo promissor que permite aos psicólogos tratar de assuntos sociológicos, sem, contudo sair de seu referencial teórico da Psicologia.

No domínio das representações sociais, o que tem ocorrido é a produção de definições conceptuais que recortam, no vasto mar do problema, dimensões e aspectos específicos, tendo presente os propósitos também específicos de cada investigação. O que é de relevar, contudo, é o fato de tais definições incluírem na maioria dos casos conceitos de médio alcance (por exemplo, atribuição, crença, atitude, esquema, opinião, etc.) de âmbito psicológico ou psicossociológico, cuja articulação do campo de problemas enunciado pelo conceito de representação permite, e simultaneamente, remeterem para conceitos de âmbito sociológico ou antropológico tão ou mais vastos do que o próprio conceito de representação (ideologia, cultura, hábitos, sistema de valores, etc.), relativamente aos quais o conceito de representação confere novas acuidades e suscita a procura de novas pontes articuladoras do velho binômio indivíduo-sociedade (Vala, 1996, p.360).

A representação social estaria, portanto, no meio de uma rede onde haveria também de forma articulada, conceitos mais psicológicos e conceitos mais sociológicos

ou antropológicos. Essa é a outra particularidade citada por Jodelet (2001), a complexidade dos estudos das representações sociais, que diz respeito justamente a sua posição mista, que implica a coordenação de conceitos psicológicos e sociológicos.

Neste tópico foram abordadas três particularidades, citadas por Jordelet, dos estudos em representações sociais na atualidade e que servem para explicar e justificar a intersecção do estudo das representações sociais neste trabalho, com outros temas como atitudes, crenças e ideologias. Começaremos pelos estudos sobre as atitudes, já que estamos procurando respostas para as atitudes das pessoas pela vida privada das celebridades artísticas, no entanto, antes elucidaremos um pouco o que diz a psicologia societal proposta por Doise (1982 b), para enfim tratar dos estudos acerca das atitudes.

## **I.2 - A Psicologia Societal**

A transversalidade e a complexidade que caracterizam os estudos de representações sociais, como foi visto, levam a tentativa de articulação de conceitos mais psicológicos, como os de atitude e crenças presentes neste trabalho, com conceitos mais sociológicos, como o de ideologia e de distribuição da riqueza.

É exatamente isto que Doise (2002) propõe ao defender uma psicologia societal.

Um dos objetivos dos trabalhos realizados em Genebra sobre influência social (cf Mugny & Doise,1979), intergrupo e desenvolvimento social da inteligência (cf.Doise,1982) foi sempre o de articular explicações de ordem individual com explicações de ordem societal; de mostrar como o indivíduo dispõe de processos que lhe permitem funcionar em sociedade e, de maneira complementar, como dinâmicas sociais, particularmente interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais, orientam o funcionamento desses processos, (Doise, 2002, p.27).

De acordo com Doise (2002), há a necessidade, portanto, de uma definição de objeto da psicologia social, que supere a clivagem entre as explicações da psicologia e

explicações das ciências sociais, como o fazem os estudos de representações sociais propostos por Moscovici (1978). As análises da psicologia social complementam as análises sociológicas e vice-versa.

Neste sentido, Doise (1986) propõe quatro níveis de análise que precisam ser desenvolvidos nos estudos com uma perspectiva mais geral, e que estão presentes, um ou outro, de fato, nos trabalhos dos psicólogos atuais:

Primeiro nível, ou nível intraindividual, que focaliza como os indivíduos organizam suas experiências pessoais no meio ambiente;

Segundo nível, ou nível interindividual ou situacional, que focaliza as interações dos indivíduos;

Terceiro nível, que focaliza as diferentes posições que os indivíduos ocupam nas relações sociais;

Quarto nível, que focaliza as produções culturais e ideológicas de um grupo ou de uma sociedade, que dão significação aos comportamentos dos indivíduos, e sustentam as diferenciações sociais.

Esses quatro níveis teóricos tanto servem para avaliar em qual nível situam-se os trabalhos em psicologia social, como também para explicitar a necessidade de trabalhos que articulem vários níveis de análise. Para a psicologia societal proposta por Doise (1986), os estudos sempre devem articular os pressupostos dos quatro níveis apresentados.

Neste trabalho, por exemplo, podemos hipotetizar que o fenômeno do interesse popular pela vida privada das celebridades, olhado sob a perspectiva de uma produção social e ideológica, dá significado aos comportamentos dos indivíduos que compram, que se fazem consumidores desse mercado da mídia. Para isso nos referiremos ao estudo dos sistemas de crenças e da ideologia, buscando uma análise dentro do quarto nível de Doise.

Mas isso não se faz de maneira unívoca, existem diferenças na maneira e na intensidade como os indivíduos aderem a essa realidade, que podem ser explicadas por suas afiliações grupais, como proposto no terceiro nível de Doise. Para isso, trataremos tanto do estudo das atitudes quanto das crenças no nível intergrupar, sob a perspectiva das representações sociais.

Logicamente, que isso também é determinado pela interação entre indivíduos e por suas experiências pessoais, integrando os dois primeiros níveis de Doise, bem como tentando analisar a questão exatamente na confluência do individual com o social, como propõe o conceito de representação social de Moscovici. Um exemplo disso é a explicação intraindividual de Lerner (citado em Furnham, 2003) para as causas da Crença no Mundo Justo, ou seja, a crença de que as pessoas recebem aquilo que elas merecem receber, como descreveremos mais detalhadamente no próximo capítulo. De acordo com Lerner (1971), uma das causas pelas quais as pessoas sempre aderem em maior ou menor grau a crença de que o mundo é justo é a necessidade intrapsíquica de segurança e de sanidade. Dito de outro modo, as pessoas precisam dessa crença para se sentirem seguras, para manterem a sensação saudável de que vivem em mundo previsível, onde as desgraças acometem apenas aqueles que as procuram.

Aliás, os estudos de Lerner sobre a Crença no Mundo Justo, que serão abordados no segundo capítulo, foram citados pelo próprio Doise (1982) como um exemplo de articulação de seus quatro níveis de análise:

As experiências de Lerner (1971) sobre a vítima inocente fazem intervir um quarto nível de análise. Todas as sociedades desenvolvem ideologias, sistemas de crenças e de representações, avaliações e normas, que devem justificar ou manter uma ordem estabelecida de relações sociais. Uma dada crença pretende, por exemplo, que remunerações e punições, sanções positivas e sanções negativas, não se distribuem ao acaso neste mundo. As investigações de Lerner

baseiam-se nesta Crença num Mundo Justo... São universais ideológicos que, paradoxalmente, estão na base de diferenciações e discriminações sociais, (p.50).

Dentro desta psicologia societal, que tenta articular esses quatro níveis de análise, as representações sociais são definidas como princípios organizadores das relações simbólicas entre indivíduos e grupos, o que remete a três hipóteses importantes, propostas por Doise, Clemence e Lorenzi-Cioldi (1993):

A primeira hipótese é que diferentes membros de uma população partilham certas crenças a respeito de determinadas relações sociais. Ou seja, as representações sociais são construídas através da comunicação e pressupõem uma referência em comum. Esta hipótese refere-se ao processo de objetivação. Poderíamos dizer, por exemplo, que quase todos em Goiás, estão expostos à mídia que propaga as celebridades artísticas e determinadas crenças a esse respeito. A mídia veicula exemplos como o do Ronaldinho ou das diversas duplas sertanejas, que tiveram uma grande ascensão social.

A segunda hipótese é que a teoria das representações sociais deve explicar como e por que os indivíduos diferem nas relações que mantêm com determinadas representações sociais. Ou seja, existem princípios organizadores das diferenças individuais. Isso significa perguntar porque e como os indivíduos tomam posições diferentes em relação às celebridades. Por exemplo, alguns se interessam mais pela vida pessoal das celebridades e outros se interessam menos.

A terceira hipótese é que essas tomadas de posições não são aleatórias, mas se ancoram em outras realidades simbólicas. Como a hipótese proposta neste trabalho, de que as atitudes das pessoas em relação à vida privada das celebridades se ancoram em determinadas crenças a respeito da mobilidade social.

Para Doise (2002, p.30) portanto, “o estudo das representações sociais preconizado por Moscovici necessita que se coloque em relação os sistemas cognitivos

complexos com os metasistemas de relações simbólicas que caracterizam uma sociedade”. Exatamente como descreve Jodelet (2001) sobre a complexidade e a transversalidade dos estudos em representações sociais.

É nesse sentido que neste trabalho foi articulado o estudo das atitudes, com os estudos sobre as crenças, abordando estes conceitos como partes formadoras de uma representação social das celebridades artísticas.

Deste modo, dada a justificação e a posição teórica desta articulação, passaremos então à descrição dos estudos sobre as atitudes, e posteriormente aos estudos sobre as crenças.

## **II - O Estudo das Atitudes**

O conceito de atitude é talvez o conceito mais antigo e discutido da Psicologia Social. Lima (1996) afirma que talvez esse conceito tenha sido o primeiro a dar identidade à psicologia social, à medida que articulava a psicologia individual com a sociologia, permitindo identificar o posicionamento de um indivíduo face à realidade social.

No entanto, a ênfase dada no conceito de atitude por Allport (1935, citado em Jasper e Fraser, 1975) também acompanhou o abandono de uma tradição europeia mais sociológica de psicologia social rumo a uma tradição americana individualista, como descrito por Farr (2001).

Apesar da história das conceituações das atitudes possuir vários aspectos teóricos interessantes, nós focalizaremos apenas dois trabalhos que caracterizam bem a diferença entre uma concepção mais social do termo atitude e uma concepção mais individual do mesmo, como também demonstra o percurso histórico do conceito, seguindo o exemplo de Jasper e Fraser (1975).

Estes trabalhos são respectivamente, o famoso estudo do camponês polaco na Europa e na América, de Thomas e Znanieck (1918-1920, citado em Jasper e Fraser, 1975), e o também famoso capítulo sobre atitudes de Allport (1935, citado em Jasper e Fraser, 1975) no “Manual de Psicologia Social de Murchison”.

No primeiro caso, Thomas e Znanieck (1918-1920, citado em Jaspers e Fraser, 1975) utilizaram o conceito de atitude social para demonstrar as diferenças entre os problemas que enfrentavam os imigrantes poloneses, e os problemas que enfrentavam os nativos americanos, usando assim o conceito, para especificar diferenças intergrupais.

Para eles, os valores sociais referiam-se aos elementos culturais objetivos da vida social, e as atitudes referiam-se às características objetivas dos indivíduos que faziam parte dessa vida social. Em outras palavras, as atitudes eram o reflexo individual dos valores sociais, portanto, as atitudes tinham que ser estudadas em sua relação com o mundo social.

Nesse sentido, as atitudes individuais dos sujeitos que partilham de um mesmo ambiente social seriam de algum modo semelhantes, sendo que o estudo das atitudes poderia contribuir muito mais para a investigação das diferenças entre grupos, do que para a investigação das diferenças entre indivíduos de um mesmo grupo.

Percebe-se, então, que Thomas e Znanieck propõem o estudo das atitudes no nível intergrupar, enquanto que Allport e toda uma tradição americana de psicologia social vão propor o estudo das atitudes num nível intraindividual.

No segundo trabalho que citamos, Allport, quase quinze anos depois, propõe o estudo das atitudes como predisposições individuais de resposta a determinados estímulos. Ele as define como “um estado de preparação mental ou neural, organizado através da experiência e exercendo uma influência dinâmica sobre as respostas

individuais a todos os objetos ou situações com que se relaciona,” (Allport, citado em Lima,1986).

Como se sabe, G.W. Allport é considerado um dos pais da Psicologia Social moderna americana, juntamente com seu irmão F.H. Allport que escreveu o livro “Psicologia Social” em 1924 propondo a constituição de uma Psicologia Social comportamental e experimental,(Farr 2001).

No entanto, como assinalam Jaspers e Fraser (1975), apesar desta tradição individualista propor o estudo das atitudes como um estado psicológico permanente do indivíduo, seus instrumentos de medida, especialmente as escalas de atitude, pressupõem uma representação compartilhada dos estímulos que suscitam as atitudes.

Ou seja, esses instrumentos ao serem construídos pressupõem que o posicionamento dos indivíduos face ao estímulo colocado se baseia em representações cognitivas compartilhadas. Os indivíduos não se diferem em suas representações cognitivas dos padrões que lhe são propostos pelas escalas, eles só se diferem na avaliação desses padrões.

As escalas de Thurstone, por exemplo, utilizam juízes para calcular a medida da tendência central. A pontuação dada por estes juízes a uma afirmação é o que vai dizer se essa afirmação é claramente favorável ou não ao objeto proposto. Logo esses juízes são a expressão das representações cognitivas compartilhadas, que validam a escala.

Talvez por isso, estes instrumentos de medida ainda são muito utilizados, como será utilizada neste estudo a escala Likert, para verificar as crenças que estão embasando as atitudes dos sujeitos em relação à vida pessoal das celebridades. Pois como sugerem Jaspers e Fraser (1975), as atitudes são disposições individuais a respostas, baseadas em representações sociais.

Exatamente neste ponto é que está a intersecção dos estudos das atitudes e dos estudos das representações sociais. Como afirma Doise (2001), as pesquisas sobre

representações sociais mostram um caminho para integrar os sistemas individuais de atitudes aos sistemas de relações sociais, pois estudar as ancoragens das atitudes nas relações sociais que as geram significa estudá-las como representações sociais. É nesse sentido que Doise (2001, p.194) propõe “revisitar às avessas” a história das pesquisas sobre atitudes.

Moscovici (1978), em sua obra inicial “A Representação Social da Psicanálise”, já descreveu a atitude como uma orientação geral em relação ao objeto da representação social no sentido do indivíduo ser favorável ou desfavorável. Ele destacou inclusive que a representação social é tridimensional, possuindo informações, atitudes e, finalmente, um campo representacional. Essa tridimensionalidade determina o grau de estruturação da representação em cada grupo social. Moscovici encontra, por exemplo, essa tridimensionalidade apenas nos universitários, profissionais liberais, parte da classe média e alunos de escolas técnicas em relação a psicanálise. Os operários e a outra parte da classe média possuem uma atitude bem estruturada, mas têm informações e campo representacional difusos.

Moscovici conclui que as atitudes são as mais frequentes das três dimensões das representações sociais, e são também primordiais. Os indivíduos sempre são pressionados a tomarem uma posição em relação a um objeto de relevância social. Nesse sentido, os indivíduos quase sempre possuem uma atitude em relação a esses objetos. Exatamente por isso, as atitudes constituem um aspecto essencial das representações sociais, inclusive porque um grupo pode não possuir uma representação social estruturada sobre um objeto, mas ter uma atitude em relação a ele.

Neste trabalho, por exemplo, foram investigadas as atitudes sobre o interesse pela vida pessoal das celebridades. Estas atitudes, portanto, foram investigadas enfatizando o aspecto de suas representações implícitas e não apenas como tendências individuais às respostas. As crenças foram investigadas como fatores que ancoram essas

atitudes, mas podem também ser compreendidas como pertencentes à dimensão da informação, dentro da tridimensionalidade defendida por Moscovici (1978).

Em face disso, neste capítulo ainda trataremos dos conceitos de atitude, de suas funções e da teoria da ação refletida, por ser de relevância para este estudo e também por ser um dos modelos atuais mais utilizados. Para isso basear-nos-emos no capítulo de Lima (1996) sobre atitudes do “Manual de Psicologia Social” organizado por Jorge Vala e Maria Benedita Monteiro (1996).

## **II. 1 - Os Conceitos de Atitudes**

Não existe um conceito consensual de atitudes. Como exposto anteriormente, essa conceituação varia conforme o posicionamento epistemológico, já que várias escolas da psicologia se interessaram e se interessam pelo estudo das atitudes.

No entanto, Lima (1996) apresenta alguns pontos em comum entre os vários conceitos de atitudes:

As atitudes referem-se a experiências subjetivas, sendo que todos os autores concordam que esta possui um caráter aprendido.

As atitudes são sempre referidas a um objeto, ou seja, as atitudes são sempre em relação a um objeto, como por exemplo, a atitude face ao aborto.

As atitudes incluem sempre uma dimensão avaliativa, o que significa dizer que as atitudes sempre expressam uma posição (favorável ou desfavorável) em relação a um objeto.

Olson e Zanna (1993) apresentam outros pontos de concordância entre os autores de atitude:

A avaliação é o aspecto central e predominante das atitudes.

As atitudes estão representadas na memória.

Os antecedentes afetivos, cognitivos, e comportamentais das atitudes podem ser distinguidos, assim como suas conseqüências afetivas, cognitivas e comportamentais. (p.44)

Apesar de diferentes, os pontos em comum citados por estes autores não parecem ser discordantes, talvez sejam complementares. Mas Lima (1996) destaca duas características das atitudes que evidenciam seu posicionamento teórico mais sociológico, enquanto Olson e Zanna não fazem referência explícita ao caráter social das atitudes em seu texto. As características citadas por Lima são:

As atitudes não devem ser encaradas como uma característica idiossincrática ou estável.

As atitudes não nascem num vázio social, mas são fruto de processos sociais, o que conseqüentemente leva-nos a encontrar semelhanças nas atitudes dos indivíduos de um mesmo grupo social.

Krech, Crutchfield, Ballachey (1975) definem as atitudes como “sistemas duradouros de avaliações positivas e negativas” (p.161), e ressaltam a existência e a inter-relação de três componentes mutuamente interdependentes desse sistema. Para eles, portanto, toda atitude teria seu componente afetivo, cognitivo e comportamental que por sua vez, poderão variar quanto à valência positiva ou negativa, e também quanto à sua multiplicidade, ou seja, quanto ao número e variedade de elementos ou partes que constituem um componente. Assim, por exemplo, uma pessoa pode ter uma atitude que varia de uma valência extremamente positiva a uma atitude extremamente negativa em relação às celebridades do entretenimento e isso vai depender tanto da sua afetividade ou sentimentos, quanto das informações ou conhecimento que ela tem sobre o assunto e vai também influenciar seu comportamento social.

Essa noção de sistema confere ao conceito de atitudes a profundidade necessária para se tratar do tema. Cada componente das atitudes pode ser considerado sobre uma

perspectiva bem vasta e ampliada. O componente cognitivo, por exemplo, pode variar de crenças e conhecimentos simples a respeito de um objeto social até um conjunto exaustivo de conhecimento e crenças. O componente afetivo pode variar de uma simples predisposição afetiva negativa ou positiva em relação a um objeto até a um conjunto extremamente complexo de emoções a seu respeito. E o componente comportamental tem variabilidade praticamente infinita, podendo variar de uma simples predisposição imediata de atacar o objeto até aos excessos, por exemplo, da adoração.

Doise (2001) afirma que a concepção de atitude quase não evoluiu desde os anos 1930. “Trata-se sempre de uma posição específica que o indivíduo ocupa em uma ou várias dimensões pertinentes para a avaliação de uma entidade social dada” (p.189).

Na ausência de um conceito “ideal”, antes de tratarmos da questão da formação das atitudes, passaremos a diferenciar o conceito de atitudes do conceito de crenças e do conceito de ideologia, já que estes são pertinentes ao tema proposto neste trabalho.

### **II. 1.1 - Atitude X Crença**

As crenças referem-se à informações que o indivíduo possui sobre um determinado objeto, sobre a que ele atribui uma certa veracidade. Informações a respeito de algo, como por exemplo, a Crença no Mundo Justo, que se refere à informação que o indivíduo tem a respeito do funcionamento e organização do mundo que o cerca.

Krüger (1986) define as crenças como “proposições que, na sua formulação mais simples, afirmam ou negam uma relação entre dois objetos concretos ou abstratos, ou entre um objeto e algum possível atributo deste” (p.31). Ele também cita os estudos de Rokeach (1981, citado em Kruger, 1986) sobre a centralidade das crenças, como uma grande contribuição ao entendimento do sistema de crenças. De acordo com esses estudos, quanto mais central e relevante for a crença para o indivíduo, maior será a

resistência para mudá-la, e se caso ocorrer essa mudança, as repercussões em todo o sistema de crenças serão bem significativas.

Nesse sentido, recordando a teoria das representações sociais no início deste capítulo, podemos inferir que essa rede de conceitos e informações onde ancoramos os novos objetos sociais que conhecemos é formada em boa medida por crenças. Ou melhor, podemos localizar todas as nossas crenças dentro de um sistema dinâmico com crenças mais centrais e outras mais periféricas, nessa rede mais ampla e hierárquica onde ancoramos aquilo que acabamos de conhecer.

Ou como propõe Doise (2001), podemos investigar que elementos dessa rede ancoram as nossas atitudes em relação a um objeto social novo. Portanto, podemos resumir que as atitudes possuem o caráter avaliativo e são basicamente afetivas. Elas são embasadas em crenças, que são seu componente racional, cognitivo. As crenças são fontes de argumentos para defendermos as nossas atitudes. Portanto, se um indivíduo crê que o mundo é justo, e que as pessoas recebem o que merecem receber, ele pode ter uma atitude mais positiva diante das celebridades, como confirmou McCutcheon (2003). Como explicitamos na apresentação deste trabalho, McCutcheon (2003) confirmou em seus resultados, que aqueles que tem alta Crença no Mundo Justo tendem a ter sentimentos mais positivos em relação a sua celebridade favorita.

## **II. 1.2- Atitude X Ideologia**

O conceito de ideologia pretende ser um conceito mais vasto. “Por ideologia entende-se um sistema estruturado e estável de crenças e atitudes, pretendendo-se assim um conceito com um nível de abstração mais elevado” (Lima, 1996, p.172).

Moscovici (1978) afirma que a ideologia esforça-se por fornecer um sistema geral de metas ou em justificar os atos de um grupo, e que portanto, propõe condutas

adequadas. Só que para isso, a ideologia passa por transformações para se harmonizar com os elementos representativos.

Dessa forma, a ideologia aparece na representação social de um objeto como parte integrante, assim como as crenças e as atitudes. Neste capítulo, estamos expondo a questão das atitudes e no capítulo seguinte estaremos expondo a questão das crenças. Portanto, após localizar historicamente como trataremos o estudo das atitudes, seus conceitos, e diferenciá-la das crenças e ideologias, passaremos a abordar a questão da formação das atitudes, principalmente sob a perspectiva da teoria da ação refletida de Fishbein e Ajzen (1975, citado em Lima, 1996).

## **II. 2 - A Formação das Atitudes e a Teoria da Ação Refletida**

Lima (1996) destaca duas linhas teóricas fundamentais nas pesquisas sobre a formação das atitudes: a linha teórica cognitivista e uma perspectiva teórica que aborda os processos emocionais.

Essa segunda perspectiva parte do pressuposto que a formação das atitudes está ligada a processos emocionais. Nessa linha situa-se o estudo de Zajonc (citado em Lima, 1996) que demonstra que a exposição repetida do indivíduo a um mesmo estímulo melhora sua atitude em relação a este estímulo.

Essa perspectiva é mais relevante para este estudo porque pressupõe que as informações que se tem a respeito de um objeto definem as nossas atitudes. Dentro dessa linha, encontra-se a teoria da ação refletida de Fishbein e Ajzen (1975, citado em Lima, 1996) que considera as atitudes como um resultado de um trabalho de avaliação das crenças.

Essas crenças, entretanto, têm origem nas informações que o sujeito adquire em sua vida. Essas informações podem ser adquiridas de forma direta, ou seja, pela sua própria experiência, ou de forma indireta, pela interação com os outros.

Dentre as formas indiretas de obter uma informação, Fishbein e Ajzen destacam o relacionamento com os pais como uma das fontes primordiais no estabelecimento de crenças. Mas eles também destacam os amigos, os grupos sociais, as grandes instituições normalizadoras como escolas, igrejas e forças armadas. Enfim, eles destacam a mídia, a comunicação de massa, como uma das principais fontes de informação atitudinal.

Obviamente essa teoria é de grande relevância para esse trabalho, já que hipotetizamos que determinadas crenças estariam ancorando a atitude das pessoas em relação à vida privada das celebridades do entretenimento. Semelhantemente poderíamos dizer que as atitudes dos indivíduos frente à vida privada das celebridades seriam formadas a partir de um trabalho de avaliação de várias crenças, entre elas a Crença no Mundo Justo e a crença na mobilidade social.

No entanto, encontramos aí um impasse colocado por Fazio (1990, citado em Olson e Zanna, 1993) quando ele critica a teoria da ação refletida, argumentando que nem sempre os indivíduos estão motivados a pensar deliberadamente sobre uma atitude. Para ele existem as atitudes automáticas, que são atitudes altamente acessíveis à memória, que vão guiar o comportamento.

Neste trabalho pressupomos que as crenças são componentes formadores da atitude frente ao nosso objeto, mas não de forma consciente, ou deliberadamente pensada ou refletida, o que nos remete novamente ao conceito de ancoragem.

A ancoragem, como já definimos anteriormente, “corresponde exatamente na incorporação ou assimilação de novos elementos de um objeto em um sistema de categorias familiares e funcionais aos indivíduos e que lhes estão facilmente disponíveis a espécie,” (Almeida, 1996, p.08).

Sendo assim, os indivíduos ao se depararem com o fenômeno da divulgação exaustiva da vida pessoal das celebridades incorporariam esse elemento novo, num sistema de categorias já familiares, que hipotetizamos ser, neste caso, as crenças.

As crenças estariam na base da atitude frente à vida pessoal das celebridades, como propõe a teoria da ação refletida, mas de modo semelhante ao que propõe Fazio, como algo já conhecido e facilmente acessível à memória e não como resultado de um trabalho deliberado de avaliação dessas crenças.

Neste capítulo portanto, abordamos o conceito de representações sociais, suas características e processos, destacando seu caráter híbrido, para justificar a articulação dos conceitos de crenças, atitudes e ideologia, neste trabalho.

Para isso usamos o conceito de transversalidade e complexidade de Jodelet (2001), bem como a proposta de Doise (2001) de revisitar às avessas os estudos sobre atitudes.

Posteriormente, abordamos a psicologia societal proposta também por Doise (1993), a fim de explicitar os referenciais teóricos deste trabalho, que busca analisar o interesse das pessoas pela vida privada das celebridades, tentando articular explicações de ordem individual com explicações de ordem societal.

Enfim, tratamos dos estudos sobre as atitudes, seu conceito e sua história, já que se trata de um dos conceitos fundadores da psicologia social. Destacamos a teoria da ação refletida por articular os conceitos de crenças e atitudes, semelhantemente ao que propomos fazer articulando a atitude em relação à vida pessoal das celebridades do entretenimento com as crenças que explicitaremos no próximo capítulo.

## Capítulo 2

### **CRENÇA NO MUNDO JUSTO: A ATUALIDADE DE UMA DEFINIÇÃO ANTIGA.**

Neste capítulo, apresentamos o conceito de sistemas de crenças e os estudos psicológicos sobre a justiça, para enfim abordar o conceito de duas crenças que hipotetizamos ancorar as atitudes dos indivíduos em relação à vida pessoal das celebridades do entretenimento.

O sistema de crenças reflete e sustenta a distribuição de riquezas das sociedades e é composto por uma grande variedade de crenças, dentre as quais destacamos duas.

A primeira crença discutida é a Crença no Mundo Justo, que tem sido alvo de muitas pesquisas nas últimas cinco décadas, desde sua proposição teórica por Lerner, nos anos 1960.

A segunda crença que chamamos de crença num mito de falsa ascensão social, é na verdade o que Tajfel (1982) chama de crença na mobilidade social, ou seja, acreditar que é possível ascender socialmente num percurso individual, independentemente de seu grupo de origem.

#### **I - O Sistema de Crenças**

A questão da distribuição da riqueza está no âmago das inquietações que levaram a este trabalho. De um modo geral foi a curiosidade acerca de como as pessoas vivem essa situação de uma minoria acumular grande parte das riquezas enquanto uma maioria se debate por uma pequena parte, que levou-nos a questionar o papel das celebridades neste contexto.

No Brasil, 63,6% da população recebem até três salários mínimos, enquanto 1,4% da população recebe mais que vinte salários mínimos (IBGE, 2002). Poderíamos

citar aqui vários indicadores da má distribuição de riqueza do país, mas cremos que hoje há um consenso sobre essa questão. O que nos importa, no entanto, é como essa situação permanece aparentemente inalterada, ou seja, como essa maioria aceita o pouco que lhes é destinado enquanto assiste e até contribui para que uma minoria tenha o controle das riquezas e da forma de obtê-las.

O conceito de sistema de crenças tem sido usado para elucidar essa questão. De acordo com Seliktar (1986), o sistema de crenças reflete e sustenta as condições sociais subjacentes em que eles são gerados. Em outras palavras, o sistema de crenças é parte daquilo que sustenta os padrões de distribuição de renda de uma sociedade. Ele não é apenas a construção social do pensamento subjacente aos modelos econômicos de produção e distribuição de riqueza, como postula a teoria marxista, mas, sobretudo ele é parte do que sustenta esses modelos. Os seres humanos aceitam e vivem num determinado modelo de distribuição de riquezas devido à existência de um sistema de crenças. No Brasil, por exemplo, há uma grande desigualdade social, como afirmamos neste trabalho, onde as pessoas convivem diariamente com a situação de miséria de muitos em detrimento da extrema riqueza de poucos. Como esta situação se sustenta? O que faz com que muitos passem fome para que poucos tenham tudo de sobra?

Logicamente, essa situação sustenta-se devido a um pensamento compartilhado que a legitima e que pode ser denominado de sistema de crenças. Isso fica mais claro à medida que conhecemos as principais teorias sobre o sistema de crenças. De acordo com Seliktar (1986) existem duas teorias centrais e várias tentativas de integrá-las.

A primeira é a teoria da escola econômica, associada a Thomas Hobbes. Essa teoria postula a existência de uma escassez de riqueza que causaria um conflito entre os homens. O sistema de crenças é a forma de coagir o ser humano a abrir mão da violência nesse conflito e encaixar-se dentro de uma sociedade civil, aceitando a distribuição de riqueza da mesma. O Marxismo clássico seria uma variante dessa teoria,

pois também defende a existência de uma determinada escassez, só que postula que essa escassez é artificialmente produzida pelos modos de produção capitalista, especialmente a instituição da propriedade privada.

A segunda teoria é a da adaptação voluntária, associada a Talcott Parson (1964, citado em Seliktar, 1986) e inspirada em Émile Durkheim e Max Weber. Para Parson, o sistema de crenças é produzido pelos membros de grupos sociais que compartilham “definições de situação” ou “valores”. Esses valores legitimam e, de certa forma, justificam a estratificação, pois apenas a coerção não seria capaz de explicar a aceitação social da desigualdade. Essa última teoria se aproximaria mais da perspectiva dos estudos de representações sociais, pois não há uma delimitação tão simplista e definida entre o concreto e o abstrato, ou melhor, entre a infraestrutura e a superestrutura no sentido marxista, ou entre o objeto e sua representação mental.

Como apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho, o estudo das representações sociais situa-se exatamente no limiar entre o individual e o social, rejeitando todo tipo de delimitações simplistas entre os dois. O sistema de crenças, portanto, não seria posterior à distribuição de riquezas. Não seria apenas uma consequência, ou apenas uma forma de justificação de uma determinada ordem social, mas seria parte constituinte da mesma, referendada por uma rede complexa de situações que envolvem os indivíduos, seus grupos de pertença, as instituições, e os sistemas mais amplos da sociedade.

Por outro lado, o estudo das representações sociais também rejeita esta visão de um pensamento social unificado, como descrevia Durkheim (citado em Moscovici, 1973, p.25) em seu conceito de representações coletivas. Cada grupo, portanto, tem determinadas representações sobre os objetos, já que a pertença do indivíduo é determinante em sua interpretação da realidade. Daí a maior afinidade com a teoria de Parson, quando ele postula que as situações ou valores compartilhados pelo grupo são

tão importantes ou mais do que a coerção imposta. Ou melhor, poderíamos afirmar que esta coerção dá-se dentro dos grupos, através do compartilhamento de representações a cerca dos diversos objetos sociais.

Entre as tentativas de integração das duas principais teorias, Seliktar (1986) cita como uma das mais ambiciosas a teoria de Habermas (1975, citado em Seliktar, 1986) sobre a crise da legitimidade. Ele fala sobre a “distribuição assimétrica das chances legítimas de satisfazer as necessidades” que na percepção individual transforma-se na sua “própria falta de força” (p.322). A impossibilidade de o indivíduo ter acesso às chances de ascensão social é traduzida ao indivíduo, pelo sistema de crenças, como o resultado de sua própria incapacidade. São os sentidos ocultos de uma comunicação manipulada com o objetivo de dominar e de camuflar o poder instituído.

Esse ponto da teoria de Habermas é bem próximo do tema desenvolvido neste segundo capítulo, pois a Crença no Mundo Justo é justamente a crença em que o indivíduo recebe o que merece e, portanto, tem maior responsabilidade sobre sua situação social do que o sistema político ou econômico. No entanto, antes de tratarmos diretamente da Crença no Mundo Justo abordaremos a dinamicidade do sistema de crenças e a questão da justiça.

### **I.1 - A dinâmica do sistema de crenças**

Um sistema é um equilíbrio homeostático que sincroniza os valores da sociedade e as realidades com as quais ele precisa lidar para existir. Segundo Johnson (citado em Seliktar, 1986) quando há uma falha nessa sincronia há um desequilíbrio e conseqüentemente uma mudança.

Dessa forma, velhas crenças vão sendo descartadas e novas crenças vão surgindo. Percebe-se, cotidianamente, essa realidade no choque de gerações entre pais e

filhos, mas existem também mudanças profundas que acontecem em longo prazo, mudando significativamente a humanidade. É o caso, por exemplo, da mudança descrita por Áries (1973) que demonstra a crescente valorização do espaço privado através da valorização da criança e da família, culminando em sua forma burguesa. São mudanças profundas que levaram séculos para ocorrer e que, com certeza, continuam a acontecer.

À medida que as pessoas vão discordando e abandonando certos valores e crenças, esses caem em desuso, ou seja, perdem sua legitimidade. Concomitantemente novos valores e crenças vão surgindo e vão sendo sancionados como parte do sistema de crenças.

A importância desse conceito para nosso estudo deve-se à perspectiva de que as crenças que vamos investigar são integrantes de um sistema de crenças que tem como finalidade última, a justificação da distribuição da riqueza. Ou seja, a Crença no Mundo Justo e a crença na mobilidade social, portanto, ancorariam o interesse pela vida pessoal das celebridades com o fim de perpetuar e legitimar as desigualdades sociais no Brasil.

Como afirmamos na introdução desse capítulo, a questão da justiça está no âmago das inquietações que nos levaram a investigar este fenômeno. O que nos intriga é a convivência despercebida com as injustiças sociais por parte daqueles que admiram as celebridades como um sonho possível e acessível de ascensão social.

## **I.2 - A Questão da Justiça**

A questão da distribuição da riqueza está implícita na questão da justiça, pois como Lerner (1975) mesmo afirmou, parece que onde quer que existam pessoas com a tarefa de distribuir coisas desejáveis, o fator predominante no processo de decisão parece ser uma das facetas da justiça - equidade, direitos, merecimento etc:

It seems that wherever one finds people who want something (are there any other kind?), whenever there are desired resources to distribute, the preeminent factor in the decision process appears to be one of the various facets of justice-fairness, rights, deserving, etc. (p.1)<sup>1</sup>

Como o homem não vive isolado, a questão da justiça parece lhe ser inerente, pois ele sempre se deparou e ainda se depara com a situação de ter que dividir. Mas, embora o tema justiça pareça um tanto nobre, talvez mais afeito às indagações filosóficas, a justiça também pode ser estudada como uma construção social que tem, entre outras, a finalidade de manter uma determinada estrutura de poder.

Como tal, podemos investigar a justiça, ou os conceitos de justiça, como partes do sistema de crenças, que como descrevemos a pouco, serve para sustentar e, principalmente, para justificar os modelos de distribuição de riqueza. Ainda de acordo com Lerner (1975) a “justiça serve como meio para as pessoas acreditarem naquilo que elas querem acreditar sobre si mesmas, sobre as outras pessoas, sobre o que é bom ou ruim, sobre o que é desejável ou indesejável,” (p. 5). Isso faz com que a questão se desloque daquilo que é justo ou injusto para aquilo que cremos ser justo ou injusto, e mais ainda, no porque cremos que algo é justo ou injusto. Mais do que isso, passamos a pressupor que essas crenças sobre o que é justo ou injusto são socialmente construídas e servem a uma estrutura ideológica que implica uma hierarquia social.

Aplicando essas idéias à teoria de Parson (1964, citado em Seliktar,1986) da adaptação voluntária sobre o sistema de crenças, poderíamos dizer que os grupos compartilham situações e valores que os levam a desenvolver um sistema de crenças que legitima a ordem social dada, por meio da definição de crenças sobre o que é justo e injusto. A justiça então está intimamente ligada à justificação dos meios pelos quais uns

---

<sup>1</sup> Parece que sempre que encontramos pessoas que querem algo (e existe outro tipo de pessoas?), sempre que houver riquezas a serem distribuídas, o fator proeminente no processo de decisão parece ser uma das várias facetas da justiça- imparcialidade,direitos, merecimento, etc.

estabelecem domínios sobre os outros, uns possuem mais do que os outros, uns merecem mais do que os outros, enfim, uns são melhores do que os outros.

Doise (2002) afirma que:

Toda tomada de posição em termos de justo ou injusto, de equânime ou de parcial resulta de um complexo de comparações sociais. Como o sentimento de justiça é produzido socialmente, estudar suas condições de emergência significa estudá-lo de algum modo, como uma representação social. (p.196-197)

Isso significa dizer que tanto o sistema de crenças quanto justiça são componentes dessa organização psicossocial complexa, que teria como unidade básica as representações sociais.

Como citamos no primeiro capítulo, Vala (1996) situa as representações sociais como um conceito capaz de articular conceitos mais psicológicos com conceitos mais sociológicos de forma que através do estudo das representações sociais podemos analisar conceitos como o de justiça e de sistema de crenças. Dessa forma, podemos hipotetizar que na ancoragem do interesse pela vida pessoal das celebridades, encontramos aspectos do sistema de crenças e dos conceitos de justiça.

E é neste sentido que a abordagem desses conceitos neste estudo é feita sob a perspectiva de reconstruí-los a partir dos estudos de representações sociais. Ou seja, o sistema de crenças e a justiça como partes integrantes das representações sociais sobre a vida pessoal das celebridades.

Começaremos então por descrever os estudos de Lerner (1974) para depois apresentar as críticas e reformulações baseadas nos estudos de Tajfel (1982,1984).

Lerner (1974) descreve quatro formas de justiça que aparecem na nossa sociedade a partir de diferentes condições: a justiça marxista, a justiça da equidade, a justiça das leis e a justiça da paridade.

Primeiramente temos a justiça marxista que é evocada quando há identidade entre o grupo, como por exemplo, entre os membros de uma família. Um membro que possui as riquezas divide-as de acordo com as necessidades de cada um. Quem precisa mais, leva mais. Podemos perceber este tipo de justiça na maioria dos programas sociais de governo, onde o Estado que possui o controle da riqueza distribui recursos como cestas básicas roupas e até dinheiro aos que precisam mais da ação do estado para sobreviver.

Em segundo lugar, temos a justiça da equidade que acontece quando há o reconhecimento da diferença entre os indivíduos bem como o reconhecimento de uma interdependência em determinada situação. Neste caso, os recursos são divididos de acordo com os investimentos. É a lógica básica do capitalismo, cada um tenta conseguir o que quer usando suas habilidades e condições sociais. Logicamente, as chances não são iguais, bem como a divisão é desigual e, muitas vezes, injusta. No entanto, os mais bem sucedidos persuadem a eles mesmos e aos outros de que isso é aceitável.

Então, no caso de haver um conflito objetivo, a justiça das leis, que é o terceiro tipo descrito por Lerner (1974), é evocada para controlar o comportamento dos conflitantes, estabelecendo regras formais e informais para a disputa. Nesse caso o ganhador é merecedor dos recursos desde que não tenha violado as leis.

E finalmente a justiça da paridade, onde cada membro divide igualmente os recursos, quando se percebe como parte de uma unidade, como parte de um só time. Leventel e Anderson (citado em Lerner, 1974) acharam evidências em um experimento com crianças de maternal de que, quando elas têm o poder de dividir recompensas, elas são influenciadas pelo desejo de manter a equidade e o desejo de proteger seus interesses. Lerner (1974), no entanto, ao desenvolver experimento semelhante, concluiu que as crianças não só se utilizam da justiça da equidade, onde pesa o esforço para

conseguir as recompensas, bem como elas também se utilizam da justiça da paridade, onde o todo é dividido igualmente entre os membros.

Tajfel (1984) tece críticas às teorias psicológicas da justiça de Lerner situando-as num nível interindividual. No entanto, Doise (1982) cita a teoria de Lerner sobre a Crença no Mundo Justo como um exemplo da confluência de quatro níveis de análise, indo desde o nível intraindividual até o nível societal, que seria ainda mais amplo do que o nível intergrupar proposto por Tajfel. Começaremos por apresentar as críticas de Tajfel e depois explicitaremos a posição de Doise.

As críticas de Tajfel (1984) aos estudos psicológicos sobre a justiça podem ser resumidas em duas considerações. A primeira refere-se ao fato de que estes estudos tratam da questão da justiça apenas em seu aspecto interindividual. Eles partem do pressuposto de que as interações entre os indivíduos, dentro de um contexto, são prescritas por determinados comportamentos considerados apropriados e que, portanto, são aplicados às situações e compartilhados por todos. No entanto, para Tajfel (1984), essas teorias deveriam ser transpostas para uma psicologia das relações intergrupais, traduzindo em larga escala o fenômeno social que se torna realidade psicológica para cada indivíduo envolvido nesse sistema. Inclusive porque isso não acontece de forma simétrica ou consensual, mas existem grandes diferenças, por exemplo, entre o que um grupo prescreve como justo e o que um outro grupo determina como tal.

A filiação dos indivíduos a determinados grupos exerce papel fundamental em suas concepções e, conseqüentemente, em seus comportamentos referentes à justiça. Um exemplo é que atualmente existem ordens católicas que fazem voto de pobreza enquanto nas igrejas evangélicas cresce a difusão da teologia da prosperidade. O que significa dizer que há uma diferença entre esses dois grupos, e em seus filiados, em relação à compreensão do papel das riquezas e de sua distribuição. Dentro do próprio catolicismo existe um grande acúmulo de riquezas no Vaticano, assim como dentre os

evangélicos existem grupos que não adotam a teologia da prosperidade. Isso demonstra como são vastas e significativas as diferenças colocadas pelas afiliações grupais, onde aparecem também o que Doise (2002) coloca como as diferenças individuais nas tomadas de posição simbólica, ou o que descrevemos no capítulo I, sobre a existência de um elo entre a pertença social do indivíduo e suas representações sociais.

A segunda consideração retirada do pensamento de Tajfel (1984) é, na verdade, uma crítica ao fato dessas teorias serem concebidas como se cada indivíduo começasse do zero suas considerações e concepções de justiça. Como se cada indivíduo começasse esse processo totalmente ingênuo e descontextualizado. Na verdade, há o que Tajfel (1982) chama de reducionismo psicológico, que são tentativas de explicar as complexidades do comportamento coletivo ou social em termos de processos intraindividuais ou interindividuais; daí o interesse de estudar qual tipo de justiça as crianças utilizam, como nos estudos que descrevemos acima. (Lerner, 1974)

Concluindo, para Tajfel (1984) então, é tarefa da psicologia social estudar as identificações temporárias ou em longo prazo dos indivíduos com alguns grupos e também suas diferenças com outros grupos, porque estas trazem uma grande variedade de comportamentos coletivos.

Nesse ponto, é importante ressaltar que Doise (1982) cita os trabalhos de Lerner sobre a Crença no Mundo Justo como um exemplo de articulação de seus quatro níveis de análise, pois sendo considerada como um universal ideológico, essa crença conduz realmente à justificação das diferenças nas sortes dos indivíduos. Para Doise (1982) essa crença é um bom exemplo de como produções sociais e ideológicas realmente dão significados aos comportamentos dos indivíduos.

No que se refere aos estudos de Lerner (1971, 1974, 1975) sobre a justiça, Tajfel (1984) não concorda com Doise (1982). Tajfel defende que eles permanecem no nível

intraindividual. Já Doise os cita como exemplo de análise que articula vários níveis, inclusive o intergrupar e o societal, que seria ainda mais amplo.

Numa análise dos vários textos sobre a Crença no Mundo Justo, incluindo outros autores e as revisões bibliográficas das últimas três décadas (Furnham, 2003; Furnham & Proctor, 1989; Lerner & Miller, 1978), pudemos perceber a confluência dos quatro níveis de análise de Doise, nos estudos de Crença no Mundo Justo de Lerner. (Quadro1)

No primeiro nível proposto por Doise (1982), como explicitamos no capítulo I, localizam-se as explicações de ordem intraindividual. Na teoria de Lerner, a Crença no Mundo Justo é descrita como uma ilusão essencial à sanidade do indivíduo, ou seja, as pessoas precisam acreditar que elas recebem as recompensas e os castigos merecidos aos seus atos. Essa seria uma explicação intraindividual para a Crença no Mundo Justo.

No segundo nível de análise de Doise (1982), localizam-se as explicações de ordem interindividual. Há hoje, praticamente, um consenso de que a Crença no Mundo Justo tem como consequência social nefasta a desvalorização das vítimas, ou seja, quando um indivíduo entra em contato com o sofrimento de alguém, ele tende a desvalorizar esta pessoa a fim de restabelecer sua Crença no Mundo Justo. Essa seria uma explicação de ordem interindividual.

Já no terceiro nível, Doise (1982) propõe a investigação das diferenças individuais nas relações sociais. Furnham e Procter (1989) afirmam que a CMJ tem sido considerada pelos pesquisadores como uma diferença individual no sistema de crenças. Isto significa que algumas pessoas acreditam mais e outras menos que o mundo é um lugar justo.

E, finalmente, no quarto nível proposto por Doise, estão as explicações que incluem as produções sociais e ideológicas. O próprio Doise (1982) define a Crença no

Mundo Justo como universais ideológicos que justificam as diferentes sortes dos indivíduos.

<b>Primeiro nível</b>	<b>Segundo nível</b>	<b>Terceiro nível</b>	<b>Quarto nível</b>
Explicações intraindividuais	Explicações interindividuais	Diferenças individuais nas relações sociais	Produções sociais e ideológicas
CMJ como uma necessidade individual para a sanidade mental.	A desvalorização das vítimas para restabelecer a CMJ	A CMJ como diferenças individuais no sistema de crenças	A CMJ como universais ideológicos

Quadro 1 - Intersecção dos níveis de análise de Doise (1982) com a teoria da CMJ de Lerner (1980).

O mito da ascensão social hipotetizado neste trabalho, seria então uma expressão da justiça da equidade, numa distorção ideológica que produz a crença de que é possível, por esforço próprio, ascender socialmente. Os exemplos das celebridades seriam provas de que isso pode acontecer, já que parte das celebridades brasileiras saíram das classes mais pobres e hoje fazem parte da elite financeira do país. Por exemplo, é a crença de que os pobres permanecem pobres porque se esforçam pouco, porque são preguiçosos ou porque não têm ambição.

Nesse sentido, a Crença no Mundo Justo é a crença de que se o indivíduo esforçar-se ele pode conseguir subir de vida, se isso não acontece é porque ele esforça-se pouco. Ou é a crença na vitória da genética, ou seja, que determinados indivíduos, por possuírem características pessoais especiais, tais como talentos, dons, habilidades inatas, ascendem socialmente ao sobressaírem em determinados aspectos. São os exemplos mundiais e locais, das celebridades que ascendem por cantarem bem, por serem campeões esportivos, pela beleza, etc.

A vitória da genética é ainda mais visível no caso dos negros, pois segundo Camino, Silva, Machado e Pereira (2001), muitas características artísticas tais como ritmo, ginga e sensualidade são atribuídas à raça negra, e são até mesmo consideradas como “patrimônio da nação”. Nesse estudo, Camino e colaboradores observaram que grande parte da amostra atribuiu aos negros habilidades para os esportes, lazer e artes, enquanto às pessoas brancas foram atribuídas habilidades para atividades ligadas ao exercício de poder. Eles concluem que essas são as novas formas de discriminação racial no Brasil, que estão se tornando cada vez mais sutis.

Como dissemos na apresentação deste trabalho, no que diz respeito às celebridades brasileiras, há divulgação de exemplos de pessoas que ascenderam socialmente independente do gênero e da cor da pele. Grande parte das celebridades do esporte, por exemplo, são da raça negra, especialmente de esportes mais populares, como o futebol no Brasil. Essa é uma das facetas da crença na mobilidade, ou do que chamamos de mito de ascensão social, a crença de que a raça não é um obstáculo social para o indivíduo. No entanto, isso dá-se apenas no campo das artes e dos esportes onde, supostamente, são habilidades inatas e não ligadas ao exercício do poder.

Dessa forma, o conceito de Lerner (1975) sobre a Crença no Mundo Justo seria um dos sustentáculos ideológicos que fomentam a expansão do fenômeno das celebridades, alimentando as esperanças de milhares de brasileiros de que, seja pelo próprio esforço ou por uma felicidade genética, é possível ascender socialmente neste país.

## **II - Crença no Mundo Justo**

Na história bíblica do livro de Jó, Deus testa a fé de Jó através do sofrimento. Ele, que era um homem rico e cheio de filhos, perde tudo: a riqueza, os filhos e até a saúde. Seus amigos vão visitá-lo e argumentam que todo o sofrimento pelo qual ele está passando é resultado de algum pecado, mas Jó resiste a esse argumento.

Rubin & Peplau (1973) utilizam essa estória bíblica milenar para ilustrar o conceito de Crença no Mundo Justo. Os amigos de Jó são o exemplo perfeito de pessoas que crêem num mundo justo. Pessoas que acreditam que as boas ações serão recompensadas e que as más ações serão punidas. Jó, por sua vez, é o exemplo de pessoas que crêem que o mundo pode ser injusto e que nem sempre essa relação ação-recompensa-punição é tão assertiva.

O conceito de Crença no Mundo Justo foi introduzido por Lerner em 1965 e tem sido amplamente investigado desde então. Prova disto são as revisões bibliográficas sobre o tema que aparecem de dez em dez anos, (Furnham, 2003; Furnham & Proctor, 1989; Lerner & Miller, 1978).

Lerner (citado em Correia, 2000) considera a Crença no Mundo Justo como uma consequência natural no desenvolvimento infantil, tanto emocional quanto cognitivo. A Crença no Mundo Justo seria uma consequência do desenvolvimento da criança, que gradativamente abandona o princípio do prazer em favor do princípio da realidade. A criança então passaria a postergar seu desejo em função de uma recompensa maior no futuro, crendo que seus esforços serão recompensados.

Da mesma forma, Lerner (1975) refere-se às teorias sobre o desenvolvimento cognitivo de Piaget e Kohlberg<sup>2</sup> como as teorias que explicam mais diretamente as questões das pessoas sobre a justiça.

The cognitive-developmental theories of Piaget and Kohlberg appear to be those which speak most directly and explicitly to the general questions of why people care about justice and what they consider just (Lerner, 1975, p. 11).<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> O próprio Lerner (1975) não cita data, parece que ele refere-se a obra em geral destes autores.

<sup>3</sup> As teorias sobre o desenvolvimento cognitivo de Piaget e Kohlberg parecem ser as que tratam mais diretamente e explicitamente das questões gerais do porque as pessoas se preocupam com a justiça e o que elas consideram justo.

Para Kohlberg (citado em Lerner, 1975) é natural e inevitável que as pessoas desenvolvam um compromisso com as questões da justiça e mais do que isso esse comprometimento é a consequência natural dos estágios do desenvolvimento moral do indivíduo. Já para Piaget (1965, citado em Correia, 2000) a criança vai associando aos objetos avaliações do tipo bom-mau, desejável-indesejável, e concomitantemente desenvolve a crença de que “as coisas boas acontecem com as pessoas boas” (p. 256).

Portanto, para Lerner, a Crença no Mundo Justo é um construto psicológico que faz parte tanto do desenvolvimento normal de um indivíduo quanto de suas necessidades de manutenção de sua saúde mental, trazendo-lhe um certo senso de segurança e previsibilidade que estaria na gênese das motivações de todos os comportamentos do indivíduo.

De fato, só podemos compreender que as pessoas mobilizem esforços para um determinado objetivo se acreditarem que existe uma relação entre o seu comportamento e o resultado, ou, de uma maneira mais geral, que existe uma relação entre seus atos ou as suas características e o seu destino. (Correia, 2000, p.255)

No entanto, Lerner trata também das consequências sociais dessa crença, principalmente no que diz respeito à desvalorização das vítimas, demonstrando que essa crença também tem um conteúdo social.

Rubin & Peplau (1973) discutem a Crença no Mundo Justo como um construto social psicológico. Nessa época, os primeiros trabalhos sobre a CMJ enfatizam seu aspecto intraindividual, ou seja, como e porque as pessoas desenvolvem ou adquirem este tipo de crença. No entanto, num segundo momento, essa concepção passa a ser ampliada. Furnham & Procter (1989) afirmam que a Crença no Mundo Justo tem sido considerada pelos pesquisadores da década de 1980 como uma diferença individual no sistema de crenças.

Considerando a segunda opção poderíamos então explicitar que a Crença no Mundo Justo seria uma das crenças que compõe o sistema de crenças, sendo que algumas pessoas aderem mais outras menos a essa crença. É nesse sentido que a Crença no Mundo Justo é descrita como uma diferença individual no sistema de crenças. No entanto, essa diferença individual tem que ser vista como produto das mediações psicossociais que se interpõem entre o indivíduo e sua interpretação do mundo em que vive.

Baseado nos estudos de Doise (2002), que descrevemos no Capítulo I, podemos teorizar que o fato de uma pessoa ter uma maior crença e outra pessoa ter uma menor Crença no Mundo Justo é intermediado por questões psicossociais. Isto significa que suas experiências, suas filiações grupais, a cultura em que está inserido, seus valores, as ideologias de sua época, enfim uma gama de fatores que vão desde os mais restritos até os mais amplos estão influenciando sua maior ou menor Crença no Mundo Justo. Assim estamos estudando a CMJ como componente das representações sociais, no caso deste estudo específico, como ancoragem para as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades. Para Doise (2002), a teoria das representações sociais deve explicar como e por que os indivíduos diferem nas relações que mantêm com determinadas representações sociais, sempre tendo em perspectiva que essas tomadas de posições não são aleatórias, mas se ancoram em outras realidades simbólicas.

Isso fica claro mais adiante, na descrição dos correlatos da Crença no Mundo Justo, pois o que é descrito como correlato pode ser visto também como peças do mosaico que caracteriza a organização societal, onde os indivíduos se posicionam diferentemente, de acordo com suas realidades simbólicas e seus grupos de pertença.

Rubin & Peplau (1973) destacaram duas conseqüências sociais e políticas da Crença no Mundo Justo. A primeira é que uma forte Crença no Mundo Justo pode encorajar a aceitação das instituições sociais e políticas existentes, desencorajando o

ativismo social que pode corrigir algumas injustiças reais. No Brasil, Camino e Troccoli (1982) constataram que os professores de uma universidade pública com alta CMJ mostraram baixos índices de participação na greve por melhorias salariais e das condições de trabalho, enquanto que os professores com baixa CMJ demonstraram maiores índices de participação na mesma greve.

A segunda é a tendência de depreciar as vítimas das injustiças. Na revisão de Furnham (2003) referente à década de 1990, ela afirma que a tendência à desvalorização das vítimas é hoje um consenso entre os estudiosos da questão.

A Crença no Mundo Justo, portanto é uma crença que também é ideológica e que está presente nos indivíduos da nossa sociedade de diversas maneiras e também em proporções distintas. As pessoas que aderem a essa crença com mais força acreditam que os indivíduos recebem o que merecem e, conseqüentemente, se recebem desfortúnios é porque procuraram de alguma maneira. Daí a tendência a desvalorizar as vítimas das injustiças e também a tendência a culpabilizar o sujeito, isentando as instituições sociais e políticas da culpa. A Crença no Mundo Justo, portanto, é profundamente ligada à manutenção do *statu quo*.

### **II.1 - A Crença no Mundo Justo e a Desvalorização das Vítimas**

A tendência à desvalorização das vítimas é um aspecto central da Crença no Mundo Justo. Lerner (1971) afirma que desvalorizar as vítimas das injustiças é uma forma de proteger a crença pessoal num mundo justo.

A humanidade convive e tolera o sofrimento e a privação de muitas vítimas inocentes. Com os meios de comunicações, hoje isso se torna mais proeminente, pois se têm informações de todos os cantos do mundo, tornando impossível ser indiferente aos percalços por que passam, por exemplo, as vítimas da pobreza extrema de alguns países ditos de terceiro mundo, inclusive o Brasil.

Isso gera a noção de que vivemos num mundo imprevisível, inseguro, e mais ainda pode gerar culpa. Lerner (1998, citado em Furnham, 2003) defende que a Crença no Mundo Justo é uma ilusão fundamental, essencial para o senso de sanidade e segurança das pessoas. É a consequência inevitável do desejo de um ambiente estável, seguro e previsível. A preocupação com a justiça é uma força onipresente na vida da maioria das pessoas.

Como podemos viver com confiança e tranquilidade quando temos conhecimento direta ou indiretamente (por exemplo, através dos meios de comunicação social) de que muitas pessoas confrontam com tragédias ou morrem? E quais as consequências da necessidade de mantermos a percepção da nossa invulnerabilidade na reação face à vitimização de outras pessoas? (Correia, 2000)

Essa é uma explicação intraindividual desta crença, conforme os níveis explicativos de Doise (2002) que descrevemos anteriormente. Ela refere-se aos componentes da experiência do indivíduo quando se confronta com o desconforto de conviver com o sofrimento alheio. Desvalorizar a vítima também é descrito como uma espécie de mecanismo de defesa intrapsíquico que pode ter desdobramentos sociais.

Estas explicações intraindividuais não podem ser totalmente descartadas, pois realmente esta crença pode ter a função de adaptar o indivíduo à vivência do sofrimento alheio.

Nesta mesma tendência de explicações intraindividuais, Heider (1958, citado em Rubin & Peplau 1973) considerava a Crença no Mundo Justo como uma tendência cognitiva mediada pelos princípios mais gerais do equilíbrio cognitivo. Para ele, a justiça é uma força conveniente, que nós vemos como inerente ao nosso ambiente, concebida como um encaixe harmonioso entre a bondade e a felicidade e entre a iniqüidade e a infelicidade.

Culpar a vítima, portanto, seria apenas uma forma de aliviar a tensão entre a realidade e a crença. Seria a tentativa de confirmar a Crença no Mundo Justo a todo custo em prol do conforto psíquico de acreditar na previsibilidade das situações.

No entanto, esse mecanismo aparentemente inofensivo tem inúmeros desdobramentos sociais nefastos, como a perpetuação e a justificação da discriminação, da exclusão social e de situações calamitosas como o apartheid na África, o holocausto na Alemanha, as vítimas civis de guerra entre tantas outras. As evidências indicam que para aceitar tais situações, as pessoas ou negam a realidade ou a justificam, incriminando as vítimas, assim como os alemães acreditaram que os judeus eram uma raça impura e por isso mereciam os campos de concentração.

Furnham (1985) comparou a Crença no Mundo Justo em jovens ingleses e em jovens sul africanos brancos que falam inglês e constatou que estes últimos demonstraram uma maior Crença no Mundo Justo. A pesquisadora concluiu que os jovens sul africanos mantêm a Crença no Mundo Justo com o intuito de explicar e justificar as numerosas injustiças muito visíveis em seu país. E que essa crença é retida e socializada através das gerações por um funcionamento individual e societal com a finalidade intrínseca de condenar e desvalorizar as vítimas da apartheid. Dessa forma estabelece-se um conflito entre o nosso “senso de sanidade e segurança” (Lerner 1998, citado em Furnham, 2003), e as consequências nefastas deste mecanismo para a sociedade, como bem descreveu Correia (2000):

Assim, estamos perante um aparente paradoxo: o mecanismo que nos protege do stress dos acontecimentos negativos com que nos confrontamos leva-nos a distorcer os acontecimentos e a avaliação que fazemos das pessoas que sofrem, o que pode levar a que contribuamos para o aumento significativo desse sofrimento,(p.271).

Ainda de acordo com Furnham (2003), o centro de estudos mais inovador e ativo no estudo da Crença no Mundo Justo tem sido a Universidade de Trier, na Alemanha, supervisionado por Montada. Este centro de estudos tem realizado uma série de investigações demonstrando que a associação dessa crença com a culpabilização das vítimas confirma-se em diversas categorias de vítimas: pobres de terceiro mundo, deficientes, pacientes de AIDS, casos de acidentes, vítimas de estupro e pacientes de câncer.

Montada (1998, citado em Furnham, 2003) concluiu que;

a Crença no Mundo Justo pode motivar a correção das injustiças dependendo dos custos percebidos, das responsabilidades e atitudes perante a vítima;

afirmar que a vitimização é injusta é, por si só, uma contribuição para a justiça objetiva;

a Crença no Mundo Justo pode ser moderada e mediada por outros fatores como empatia, altruísmo, auto-defesa , etc;

nem todos com alta Crença no Mundo Justo são desafiados pelos mesmos fatores;

a Crença no Mundo Justo não é a única causadora da culpabilização das vítimas; há outras causas como a necessidade de controle, o preconceito e o interesse próprio.

Isto demonstra que a vitimização secundária, embora seja hoje um consenso entre os pesquisadores, apresenta muitos aspectos a serem investigados. Correia (2003), por exemplo, tenta determinar o impacto da inocência da vítima e da persistência do sofrimento da vítima no processo de vitimização secundária. Seus resultados demonstram que os participantes com alta CMJ julgaram a vítima inocente como menos atrativa dos que os observadores com baixa CMJ e isso era mais patente quando a condição da vítima era de persistência no sofrimento. Ela

sugere que os participantes com alta CMJ, quando julgam a vítima, dão menos importância às condições subjacentes que trouxeram esta vitimização quando comparadas às pessoas com baixa CMJ.

Aguiar (2003) testa a desvalorização das vítimas em relação ao fato da vítima pertencer ao endogrupo ou a um exogrupo do participante. E ao contrário do esperado, as vítimas do exogrupo foram mais vitimizadas secundariamente. Aguiar coloca como uma possibilidade a ser analisada, “a idéia de que a reação a vítimas do exogrupo decorre mais de um processo de discriminação do que do processo de ameaça à Crença no Mundo Justo” (p.102). Isto porque neste estudo o endogrupo foi apresentado como uma “família tradicional portuguesa” enquanto que o exogrupo foi apresentado como uma “família de etnia cigana”, que na Europa é um grupo minoritário bastante estigmatizado. Essa questão possui um aspecto extremamente interessante, pois ela permite uma integração com a teoria de Tajfel (1982) sobre as relações intergrupais. Afinal a pergunta é: será que o fato da vítima pertencer ao mesmo grupo que o observador, ou o fato dela pertencer a um grupo diferente influencia nos processos de vitimização secundária?

Kay e Jost (2003) consideram que alguns indivíduos não têm disposição de desvalorizar as vítimas da pobreza por ser uma atitude contranormativa, ou politicamente incorreta; no entanto, isto não significa que esses indivíduos não tenham um sistema justificativo. Para eles, todos têm sistemas ou formas de justificar a distribuição injusta da riqueza. Eles constataram que a exposição aos estereótipos “pobre, mas feliz” e “rico, mas miserável” levou as pessoas a ter altos escores numa medida de sistema justificativo quando comparadas a pessoas que foram expostas a exemplos complementares. Kay e Jost (2003) sugerem que

estes estereótipos são mais aceitáveis, como sistema justificativo, do que a desvalorização das vítimas.

Estes estudos estão de acordo com o que Correia (2000) descreve como “novas perspectivas da teoria da Crença no Mundo Justo”, onde se inclui os estudos sobre os efeitos dos processos de categorização na culpabilização das vítimas. Existem outras questões que poderíamos classificar como participantes dessas novas perspectivas citadas por Correia (2000), como por exemplo, a multidimensionalidade e as várias tentativas de medições da CMJ, como descreveremos a seguir.

## **II.2 – A Unidimensionalidade ou Multidimensionalidade da CMJ e suas**

### **Dificuldades na Medição.**

A medição da Crença no Mundo Justo tem sido alvo de constante preocupação por parte dos pesquisadores. Inicialmente houve uma preponderância das pesquisas experimentais, e posteriormente houve uma preponderância da escala de Rubin e Peplau (1973-1975) até o final da década de 1990 (ver Furnham, 2003).

Durante todo esse tempo, vários estudos têm questionado ou confirmado as qualidades psicométricas da escala de Rubin e Peplau. Ahmed e Stewart (1985), por exemplo, aplicaram a escala de Rubin e Peplau em estudantes e trabalhadores e confirmaram que a percepção de justiça medida por essa escala é um construto unidimensional conforme previam seus autores. No entanto Fink e Wilkins (1976, citado em Ahmed e Stewart, 1985) extraíram três fatores desta mesma escala. Furnham (1992), ao aplicar a mesma escala em 12 países, dividiu a escala em dois fatores para obter um coeficiente de confiabilidade mais elevado. Além

disso, em 5 países o índice de confiabilidade (*alpha de Crombach*) não foi estatisticamente aceitável.

Estudos como esses têm levado alguns autores a questionar se a escala de Rubin e Peplau (1973-1975) não é mensuradora de vários fatores, sendo que cada um permanece parcialmente independente do outro. E se a própria CMJ não é um construto unidimensional e bipolar conforme se pensava inicialmente, ou seja, de um lado de um *continuum* haveria a Crença no Mundo Justo e no extremo oposto a crença num mundo injusto. É o caso de Dalbert, Lipkus, Sallay, Goch (2001) que propõem que a Crença no Mundo Justo e a crença no mundo injusto são construtos diferentes, e conseguem estruturar e validar uma escala de crença no mundo injusto.

Lipkus (1991) estrutura e valida uma escala global de CMJ e encontra resultados que comprovam a unidimensionalidade de sua escala. No entanto, alguns anos depois, o mesmo Lipkus et al (1996) faz distinção entre a Crença no Mundo Justo para si mesmo e a Crença no Mundo Justo para os outros, baseado na hipótese do próprio Lerner (1980, citado em Lipkus et al, 1996) de que existe o mundo da vítima e o mundo da não-vítima. E Furnham e Procter (1988<sup>a</sup>, citado em Lipkus, 1991) constroem uma escala multidimensional de CMJ, dividindo a escala em três esferas de controle: a esfera pessoal, a esfera interpessoal e a esfera sócio-política. Um ano depois, Furnham e Procter (1989), acrescentam a crença no mundo randomizado, que seria a crença de que o bem e o mal acontecem com todos indistintamente, concluindo que haveria a CMJ, a CMI e a crença num mundo randomizado e que qualquer uma das três pode ser maior ou menor em qualquer uma das três esferas de controle - pessoal, interpessoal e sócio-política. Isto significa que uma pessoa pode, por exemplo, ter alta Crença

no Mundo Justo na esfera pessoal, alta crença num mundo randomizado na esfera interpessoal e alta crença no mundo injusto na esfera sócio-política.

Recentemente, surgiram estudos usando a técnica denominada *modified stroop task* (Aguiar, 2003; Correia, 2003 e Hafer, 2000). Hafer (2000) testa esta técnica realizando experimentos em que os participantes após assistirem um vídeo contando a história de uma vítima inocente, são solicitados a identificar a cor de algumas palavras que apareciam brevemente na tela do computador. Ela confirmou a hipótese de que quando a situação ameaçava muito a CMJ do participante, a identificação das palavras que se referiam a justiça era mais demorada do que a identificação de palavras neutras.

Portanto, a medição e a unidimensionalidade ou multidimensionalidade da CMJ ainda são questões abertas, em pleno estado de ebulição no momento atual.

### **II.3 - Os Correlatos da Crença no Mundo Justo**

A partir do final da década de 1980, os estudos sobre Crença no Mundo Justo deixaram de ser predominantemente experimentais e começaram a surgir vários estudos correlacionais.

De acordo com Furnham e Procter (1989), em sua revisão bibliográfica dos trabalhos realizados na década de 1980, o estudo da Crença no Mundo Justo já havia passado pelo primeiro estágio, que seria o estágio de reconhecimento do fenômeno e sua testagem. Já havia também passado pelo segundo estágio, que seria a criação de uma medida para acessar o conceito e as várias pesquisas de validação da mesma, especialmente com a criação da escala de Rubin & Peplau em 1973-1975. E já havia iniciado o terceiro estágio caracterizado pelo aprofundamento do conceito e pela modificação de sua natureza unitária. Como vimos anteriormente, atualmente se discute muito sobre a unidimensionalidade ou multidimensionalidade da CMJ.

Dentro desse terceiro estágio também se localizam os diversos estudos correlacionando a Crença no Mundo Justo com outras variáveis. Até porque estas correlações contribuem para a testagem da validade do construto e também para a melhor identificação de sua natureza e de suas conseqüências. A relação de correlação se distingue por ser recíproca, ou seja, as variáveis relacionam-se mutuamente: da mesma forma que A influencia B, B influencia A. Apresentamos a seguir algumas variáveis investigadas como correlacionadas à Crença no Mundo Justo.

### **II.3.1 - O Autoritarismo**

Seria previsível que as pessoas com forte Crença no Mundo Justo tenderiam a idealizar e admirar os líderes e aqueles que estão no poder. Pois baseados nessa crença os que se encontram em situação privilegiada são melhores e merecem suas posições de responsabilidade. Da mesma forma, as pessoas que não estão em posição de autoridade são piores e não merecem estar em posições elevadas. Seria esperado então que aqueles com forte Crença no Mundo Justo tenderiam a ter um comportamento autoritário, sobretudo na atitude de hostilizar e discriminar os excluídos.

Vários estudos usaram variações da escala de Adorno, Frenkel-Brunswick, Levinson & Sanford (citado em Furnham e Procter, 1989) para medir a relação entre a Crença no Mundo Justo e o autoritarismo. As pessoas com alta Crença no Mundo Justo tendem a ter um comportamento mais autoritário e a hostilizar mais as vítimas.

### **II.3.2 - Religiões**

A maioria das religiões ocidentais parece endossar a Crença no Mundo Justo: seus pecados serão castigados e suas boas ações serão recompensadas. As religiões

orientais não puderam ser investigadas porque se confundem com a nacionalidade ou com a cultura (Furnham e Procter, 1989).

A Crença no Mundo Justo é altamente correlacionada à ética protestante do trabalho, que tem como doutrina básica a salvação e o sucesso através do trabalho árduo. A escala da ética protestante (Mirels e Garret, 1971, citado em Furnham e Procter, 1989) é a medida mais usada. A ética protestante tem sido descrita como um dos principais valores da cultura norte-americana. Segundo Kay e Jost (2003), a ética protestante é uma ideologia que tem relevância direta para a moralidade, principalmente em relação à acumulação de riquezas, pois ela provê uma justificação moral para a distribuição do capital, endossando a busca de lucros e a busca do enriquecimento lícito através do trabalho duro.

### **II.3.3 - Ideologias Político-Sociais.**

Um dos correlatos mais consistentes da Crença no Mundo Justo é a adesão às atitudes sociais e às políticas conservadoras. Estudos na população norte americana e inglesa demonstraram forte correlação dessa crença com o apoio as instituições sociais e políticas existentes, e com o voto nos partidos conservadores.

Camino e Tróccoli (1982) encontraram uma correlação negativa entre a Crença no Mundo Justo e a concordância atitudinal com a ideologia da ADUFPb (Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba). Essa associação lutava pela democratização da educação, na época da ditadura militar, apesar da proibição das atividades políticas nas universidades, e se caracterizava pela participação de professores que tinham uma militância política ativa. Os resultados demonstraram que quanto menor a Crença no Mundo Justo, maior a concordância atitudinal com a ideologia da ADUFPb, corroborando com os dados de Rubin e Peplau (1975) que

correlacionam negativamente a escala da Crença no Mundo Justo com o ativismo político.

Furnham (2003) considera essa correlação óbvia e destaca o estudo de Dittmar e Dickinson (1993) que correlacionaram a escala da Crença no Mundo Justo com cinco dimensões políticas:

Moralismo tradicional - enfatizam a fé, a propriedade privada e os caminhos longos de se alcançar os objetivos.

Táticas maquiavélicas - traçam os melhores modos de se alcançar o sucesso, como por exemplo, aproximar-se dos poderosos.

Táticas Revolucionárias - defende iniciativas radicais para alcançar os objetivos.

Cinismo maquiavélico - vê os que estão no poder como corruptos.

Filosofia atual de esquerda - tem uma visão positiva da natureza humana que está guiando a sociedade para as mudanças.

A CMJ foi correlacionada positivamente com o moralismo tradicional e com as táticas maquiavélicas e foi correlacionada negativamente com o cinismo maquiavélico, com as táticas revolucionárias e com a filosofia de esquerda atual.

Esses estudos que tratam da correlação da Crença no Mundo Justo com a política servem para confirmar e ampliar a constatação do caráter ideológico desta crença. Como já foi dito, o sistema de crenças tem, entre outras, a função de sustentar os atuais padrões de distribuição das riquezas, portanto, realmente é previsível essa ligação da Crença no Mundo Justo com conceitos que têm esse mesmo papel tais como a ênfase no sucesso, a valorização dos poderosos, a defesa da propriedade privada, o conservadorismo político, a resistência às mudanças sociais, a aprovação das instituições existentes, e poderíamos incluir aqui a admiração pelas celebridades.

### **II.3.4 - Atitudes Sociais**

Muitos estudos têm se preocupado com a relação da Crença no Mundo Justo e as atitudes sociais diante da pobreza e dos pobres.

A hipótese já testada e confirmada é que as pessoas com alta Crença no Mundo Justo serão pouco simpáticas aos pobres, a menos que elas possam compensá-los sem muitos sacrifícios pessoais. Como foi afirmado no estudo relatado acima, de Montada (citado em Furnham, 2003), essa crença até pode incentivar atitudes favoráveis aos injustiçados, dependendo dos custos para o indivíduo. Caso esse custo seja muito elevado, a tendência a culpar as vítimas permanece.

Também se tem investigado a atitude dessas pessoas em relação aos assuntos feministas, às armas nucleares, e aos benefícios sociais. Sendo que se constatou que as pessoas com alta Crença no Mundo Justo são pouco simpáticas aos temas feministas e aos benefícios sociais, sendo mais favoráveis às armas nucleares.

### **II.3.5 - Outros Fatores Correlatos**

Existem estudos sobre a correlação do *locus* de controle interno e a Crença no Mundo Justo, embora essa correlação possa ser explicada também pelo fato desses conceitos serem similares. O *locus* de controle interno caracteriza-se quando a pessoa acredita que pode determinar sua própria sorte através de suas ações, ao contrário do *locus* de controle externo, que se caracteriza pela crença do indivíduo na ação de fatores externos como, por exemplo, a sorte, o destino ou uma força superior.

Indaga-se, também, se a experiência individual com a injustiça influencia na diminuição da CMJ. Baseados nisso poder-se-ia prever que os excluídos (negros, mulheres) teriam níveis menores desta crença do que os incluídos (homens, brancos). Mas apenas foi confirmado que os negros possuem menor CMJ do que os brancos

(Smith e Green, 1984, citado em Furnham e Procter, 1989), o restante dos fatores ainda não foram correlacionados.

Uma questão importante é que a maioria dos estudos sobre Crença no Mundo Justo são aplicados às populações norte-americanas, existindo, portanto, uma lacuna sobre a aplicação e as implicações desse conceito em outras culturas.

### **II.3.6 – A Crença no Mundo Justo como um Mecanismo de Reprodução Saudável**

Dalbert (2001, citado em Furnham, 2003) argumenta que a Crença no Mundo Justo é um mecanismo saudável necessário ao senso de justiça de qualquer pessoa. Ela destaca os efeitos adaptativos dessa crença para a saúde mental das pessoas:

a Crença no Mundo Justo influencia a percepção da reconstrução de um curso de vida;

motiva interações sociais dirigidas;

é uma força estabilizadora entre o ideal e a realidade cotidiana;

ajuda as vítimas de eventos injustos traumáticos, que se mostram melhores quando possuem alta Crença no Mundo Justo.

A Crença no Mundo Justo, portanto, é um conceito de Lerner (1975) que considera que todos têm um certo grau da crença de que o mundo dá aquilo que o sujeito merece. Vimos que este conceito alcança o ideal de articulação dos quatro níveis de análise propostos por Doise (1982). Lerner (1975) vai desde uma explicação de ordem intraindividual, ou seja, os indivíduos necessitam dessa crença para conviver com o sofrimento alheio e principalmente com as injustiças sociais; até a idéia de um construto psicológico universal, que tem seu caráter ideológico.

Através dos correlatos investigados, fica mais claro o alcance societal desse conceito, pois ele se correlaciona positivamente e negativamente com ideologias

políticas e sociais, ficando claro que essa crença está intimamente ligada à manutenção do *statu quo* e a justificação da má distribuição da riqueza.

Neste trabalho, essa crença é estudada como uma das possíveis ancoragens para uma atitude em relação à vida pessoal das celebridades do entretenimento, bem como a outra crença que descreveremos a seguir.

#### **II.4 - Crença no Mito de Ascensão Social**

Neste trabalho hipotetizamos que a atitude dos indivíduos em relação à vida pessoal das celebridades pode estar ancorada num falso mito de ascensão social. O que significa que hipotetizamos que, no Brasil, há uma falsa idéia de que as pessoas podem ascender socialmente, caso elas se esforcem o suficiente, ou caso elas nasçam com um talento especial.

Talvez isso não seja uma característica específica do Brasil, mas estenda-se por todo o Ocidente, e de modo mais contundente nas Américas por seu lastro histórico provindo da idéia do novo mundo, na época dos grandes descobrimentos. Afinal, as Américas foram mesmo, uma terra de oportunidades para muitos emigrantes europeus, durante vários séculos. Como afirma Tajfel (1982),

“Ora, o mito cultural que, aliás, se acha espalhado em todo o ocidente, mas que foi e ainda é muito forte, sobretudo nos Estados Unidos, é o mito da mobilidade individual, de que cada qual pode chegar a qualquer lado desde que tenha talento ou sorte ou trabalhe duramente, etc. Ora, eu julgo que este mito implícito de mobilidade individual, dessa possibilidade individual de ser bem sucedido independentemente da origem, que é em parte realidade e em parte mito cultural, influenciou enormemente a direção dos trabalhos respeitantes ao problema

intergrupos em Psicologia Social e que se quisermos ir além, teremos de certo modo, que superar este mito...” (p.18).

Tajfel, na citação acima, refere-se a história da psicologia social, e postula a existência desse mito da mobilidade individual, que é exatamente o que nós estamos denominando mito de falsa ascensão social. Tajfel (1982) teoriza que existe mesmo essa crença na mobilidade e que ela é o extremo oposto à crença da mudança social, ou seja, a crença de que só é possível melhorar através da luta de classes.

Aliás, a questão da mudança e da mobilidade social discutidas nesse mesmo texto de Tajfel é extremamente esclarecedora para a diferenciação do que significa crer numa ausência de estratificação social e quais os seus desdobramentos. Para ele, a polaridade entre estas duas estruturas de crenças, de um lado a crença na mobilidade social, e de outro a crença na mudança social, seriam determinantes para o comportamento social:

A mudança social caracteriza-se pela crença do indivíduo de que ele não pode se deslocar para outro grupo social, e sim que ele precisa recorrer a lutas de grupos para ascender socialmente. No Brasil, um bom exemplo, é o movimento dos sem terra, MST, que luta pela reforma agrária.

A mobilidade social já se caracteriza pela crença do indivíduo de que ele pode abandonar seu grupo social e aderir a outro grupo, é a crença de que ele pode ascender, independentemente de seu grupo de origem.

Se o indivíduo crê na mobilidade social, ele vai procurar seu percurso enquanto indivíduo, responsabilizando-se por seu lugar na sociedade e, conseqüentemente, por sua situação financeira. Provavelmente, não questionará a distribuição de riquezas, mas esforçar-se-á para ascender de alguma forma ou conformar-se-á com o que tem.

Como descrevemos na apresentação deste trabalho, nós hipotetizamos que no Brasil existe a crença de que essa mobilidade social é possível e acessível à população em geral. Esta crença tem sido alimentada através dos séculos desde a chegada dos europeus às Américas, quando as novas terras eram um lugar de oportunidades, principalmente para os excluídos. No entanto, cinco séculos depois, numa sociedade fortemente estratificada, esta crença ainda permanece, e tem sido alimentada pelas histórias do passado e pelas histórias de pessoas que conseguiram ascender radicalmente na atualidade.

O problema é que essas pessoas que conseguiram ascender socialmente são exceções no Brasil. Como demonstram os dados do IBGE que citamos anteriormente, o salário médio do brasileiro varia de duzentos a oitocentos reais. Entretanto, esses exemplos são amplamente difundidos, como no caso das celebridades que saem das minorias ou das classes mais desprivilegiadas e tornam-se milionárias através da fama. São as exceções que adquirem o peso de regras, alimentando a falsa esperança nas pessoas, de que elas podem conseguir ascender, assim como sua celebridade favorita.

As celebridades, conforme hipotetizamos neste trabalho, seriam exemplos que reforçariam esta crença, ou melhor, essa crença estaria ancorando o interesse pela vida pessoal das celebridades. Talvez possamos afirmar que as celebridades são estereótipos que servem ao propósito de “encurtar o caminho” das explicações para as injustiças, conforme Tajfel (1984). Dessa forma, o indivíduo não precisaria construir suas próprias explicações, ele já as teria de forma concisa nos estereótipos, sendo que as celebridades seriam os próprios estereótipos da mobilidade social.

A cena corriqueira que nos levou a questionar sobre o papel social deste fenômeno da divulgação excessiva da vida pessoal das celebridades do entretenimento. A cena típica do pôster de uma celebridade milionária pregada na parede da casa simples dos brasileiros que compõem as estatísticas da pobreza no Brasil. É

impressionante essa vivência ingênua e despercebida das pessoas com os contrastes da desigualdade social, que pode ser tão bem apreendida e tão bem resumida no estereótipo das celebridades que um dia saíram de casas tão simples quanto esta do exemplo e hoje estão nos pôsteres pregados na parede como exemplos nacionais de que o país é justo com quem se esforça, ou que o Brasil continua a ser um lugar de oportunidades para todos.

Evidentemente que esta crença na mobilidade social é extremamente próxima do conceito de Crença no Mundo Justo, assim como condiz também com seus correlatos, com a ideologia individualista do ocidente e com a manutenção dos atuais padrões de distribuição de riqueza. É o pensamento ideológico de que não é a sociedade que precisa de mudanças e sim o indivíduo que está desadaptado.

Beit-Hallahmi (1983) verificou, a partir de um levantamento bibliográfico, que a grande maioria dos estudos que utilizam conceitos psicológicos para tratar das diferenças econômico-sociais, olham para as diferenças de classes como determinantes de deficiências nas classes mais baixas. Ele ainda verificou que as explicações desses resultados, ou seja, a resposta à pergunta de quem veio primeiro a pobreza ou a deficiência, podem ser classificadas dentro de três posicionamentos ideológicos: conservador, liberal e radical. Os conservadores assumiriam que a pobreza é resultado da desqualificação psicológica do sujeito, de modo semelhante ao que descrevemos sobre a crença na mobilidade social ou na crença do mundo justo.

Da mesma forma, os liberais assumiriam que as diferenças nas performances individuais e, conseqüentemente, no sucesso levariam a uma recompensa econômica compatível. Esse tipo de ideologia é também bem compatível com a teoria da justiça eqüitativa de Lerner (1974).

Apenas os radicais vêem as desigualdades sociais como um arranjo social que não pode ser explicado por leis biológicas ou psicológicas. Os resultados de Beit-

Hallahmi (1983) demonstram que as ideologias que compõem o pensamento social ocidental tendem mesmo às explicações mais individualizantes, analisando as situações sempre do ponto de vista do indivíduo e, raramente, do ponto de vista da construção social onde este indivíduo está inserido. A crença na mobilidade social é exatamente esta tendência aplicada às explicações referentes ao acúmulo e a distribuição de riquezas e, principalmente, à expectativa das pessoas em ascender socialmente.

A Crença no Mundo Justo, por sua vez, pode ser aplicada à esfera individual, interpessoal e sócio-política como previu Furnham e Procter (1989). No entanto, sua descrição e sua vivência também são totalmente individualizantes, pois tem sido definida como a crença de que as pessoas recebem as recompensas e as punições que merecem. Portanto, as celebridades podem representar para o indivíduo, a possibilidade de ascensão social através da justiça em relação a seus atos e ações.

Concluindo, então, hipotetizamos nesse trabalho que a crença na mobilidade social, ou no falso mito de ascensão social conforme nomeamos, ancora juntamente com a Crença no Mundo Justo, as atitudes dos indivíduos em relação ao fenômeno das celebridades.

A seguir, passamos à apresentação do conjunto de estudos empíricos resultantes das reflexões teóricas feitas até aqui.

## Capítulo 3

### MÉTODO E RESULTADOS

Uma das questões que ocorre ao analisar o conceito e a evolução das investigações em representações sociais é a ênfase da escola de Genebra na utilização de medidas quantitativas. Inicialmente parece um contra-senso numa teoria que tem seu início histórico justamente na contraposição ao Positivismo behaviorista, utilizar o mesmo pressuposto de que, a semelhança das ciências matemáticas e naturais, a realidade psicológica também seria numericamente mensurável. No entanto, defendemos que, esse pressuposto, nos estudos de representações sociais, possui a sutileza de não afirmar categoricamente que o fenômeno psicológico possa ser exatamente refletido por uma lógica matemática, mas que a partir de uma lógica matemática pode-se aprofundar nas relações e na construção teórica a respeito das estruturas de pensamento que constituem as teorias do senso comum.

Prova disto é que uma das técnicas estatísticas mais utilizadas nesse campo de estudo é a análise fatorial, que tem como pressuposto que subjacente à uma coerência dos itens de um instrumento, como, por exemplo, uma escala Likert, existe uma lógica que a organiza, que a explica. Esse fator determinante ou organizador só é passível de ser definido teoricamente, e seria exatamente os princípios organizadores das representações sociais de um objeto. Ou seja, ao responder uma escala Likert, o sujeito usaria de uma coerência, que é numericamente identificável. Ao aplicar o instrumento em um determinado número de pessoas poderíamos identificar uma coerência nas respostas de uma coletividade, sobre a qual poder-se-ia teorizar um fator organizador, um pensamento social, algo partilhado por um certo número de pessoas.

Neste trabalho, por exemplo, hipotetizou-se que as crenças no Mundo Justo e na mobilidade social estariam ancorando as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades. Através da utilização das escalas das Crenças no Mundo Justo e na mobilidade social e da escala de interesse pela vida pessoal das celebridades, poderemos investigar primeiramente se há uma coerência nas respostas dos sujeitos em cada escala, ou seja, se há um fator socialmente compartilhado determinando as respostas individuais dos sujeitos.

Em segundo lugar, poderemos investigar se uma variável está relacionada a outra, ou dito de outra forma, poderemos investigar se as crenças no Mundo Justo e na mobilidade social estão relacionadas com o interesse pela vida pessoal das celebridades.

Na verdade por trás da ênfase nas medidas quantitativas nos estudos de representações sociais se encontra a ambição de não apenas descrever o fenômeno psicológico, mas de conseguir realmente explicá-lo, explicitar sua estrutura em seus mais diversos aspectos. A Psicologia, portanto, não precisaria ser essencialmente uma ciência descritiva.

### **Estudo 1: A Fama e os Famosos**

O objetivo deste estudo foi realizar um estudo exploratório inicial a respeito do que as pessoas pensam sobre a fama e os famosos para que possamos, posteriormente, desenvolver um instrumento sobre o interesse pela vida pessoal das celebridades.

#### **Método**

##### **Amostra**

Participaram desta pesquisa 100 pessoas, 50 homens e 50 mulheres, que foram escolhidos aleatoriamente entre os transeuntes de um shopping localizado na cidade de Anápolis, estado de Goiás. A média de idade dos participantes é de 28 anos com desvio

padrão de 11,7 anos. A maioria tem como escolaridade o ensino médio (61%), sendo que destes, 44% possuem o segundo grau completo. Dez por cento dos participantes terminaram o ensino fundamental e 10% possuem o ensino fundamental incompleto. Dezenove por cento possuem o curso superior completo ou incompleto. A maioria se declarou solteiros (59%), sendo que houve 35% de casados e apenas 6% de separados ou divorciados.

### **Instrumento**

O questionário (anexo 1) foi construído com o objetivo de fazer um estudo exploratório a respeito do que as pessoas pensam sobre a fama e os famosos. Por esta razão, o questionário constava de 5 perguntas sobre o tema e 3 perguntas de dados demográficos.

As perguntas inquiriam: 1- sobre as facilidades e dificuldades da vida das pessoas famosas; 2- sobre as razões que levam uma pessoa a conseguir alcançar a fama; 3- e sobre a admiração dos sujeitos em relação a uma celebridade específica.

### **Procedimentos**

Os participantes foram abordados individualmente nos corredores do shopping e solicitados a responder a algumas perguntas a respeito das celebridades. As perguntas foram feitas pelos pesquisadores, que anotaram as respostas nos formulários.

### **Resultados**

As categorias encontradas nas respostas à primeira pergunta (Tabela 1), sobre as razões que levam uma pessoa a ficar famosa, podem ser classificadas em dois grupos. O primeiro grupo engloba as categorias que se referem as características individuais desejáveis, ou seja, se referem às:

características pessoais (19%) - talento, carisma, competência e determinação;  
aspectos físicos (16%) - beleza, nudez, e saúde;  
aspectos intelectuais (15%) - inteligência, educação, e estudo;  
aspectos morais (14%) - a honestidade, a dignidade, a desonestidade e a esperteza.

Temos, portanto, que 64% dos participantes citaram como causa que leva uma pessoa a fama, algo que se refere ao indivíduo. O segundo grupo engloba as categorias que enfatizam os aspectos externos ao indivíduo, ou seja, os aspectos que não são ligados diretamente a uma característica do indivíduo, tais como os aspectos sociais e a sorte. Neste grupo estão:

os aspectos financeiros (12%) - ser rico, ter dinheiro;  
o nepotismo (5%) - ter um padrinho, conhecer as pessoas certas, ser de família conhecida e influente, ter um amigo que indique;  
a sorte (4%) - ter sorte, ter oportunidade, ter uma ajuda divina;  
exposição (3%) - aparecer na televisão, participar de um *reality show*.

Temos portanto, que 24% dos participantes atribuíram a causas externas ao indivíduo a razão pela qual uma pessoa se torna famosa no Brasil. Além disso, temos uma terceira categoria que nomeamos “outros”, que engloba as respostas que não puderam ser categorizadas e também as respostas que indicavam a admiração pela trajetória de ascensão social da celebridade.

Esses resultados indicam que nossas hipóteses em relação à predominância da crença na mobilidade social em detrimento da crença na mudança social podem ser verdadeiras, pois confirmam a prevalência da trajetória individual na ascensão social.

**TABELA 1.** Classificação e porcentagem das respostas sobre as razões que levam uma pessoa a ficar famosa.

Categorias		porcentagem	total
Mérito individual	Características pessoais	19,0	
	Aspectos físicos	16,0	
	Aspectos intelectuais	15,0	
	Aspectos morais	14,0	64
Aspectos externos	Aspectos financeiros	12,0	
	Nepotismo	5,0	
	Sorte	4,0	
	Exposição na mídia	3,0	24
Outros	Crença na mobilidade	8,0	
	Não categorizável	4,0	12
Total		100	100

Foi solicitado também aos participantes que eles citassem uma celebridade que eles admiram. A Tabela 2 indica que as celebridades mais citadas foram os músicos (37%), os esportistas (24%) e os atores (21%). Também foram citados os apresentadores (6%), os políticos (3%), e os escritores (2%). Os músicos mais citados foram os cantores goianos Leonardo e Zezé de Camargo, e os jogadores de futebol mais citados foram Ronaldinho e Pelé. Todos tiveram suas histórias pessoais de rápida ascensão social divulgadas pela mídia. As atrizes mais citadas foram Fernanda Montenegro e Malú Mader. Também foram citados mais 65 celebridades tais como Tarcísio Meira, Daniel, Ana Paula Arósio, Ayrton Senna, Juscelino Kubitschek, Domini, Jorge Amado, Zico etc.

**TABELA 2.** Classificação e porcentagem das celebridades que os participantes admiram.

Categorias	Porcentagem
Músico	37,0
Atores	21,0
Jogador de futebol	12,0
Esportista de outros esportes	12,0
Apresentadores	6,0
Políticos	3,0
Escritores	2,0
Outros	7,0
Total	100,0

**TABELA 3.** Classificação e porcentagem das justificativas dos participantes à admiração que eles têm pelas celebridades citadas.

Categorias		Porcentagem	Total
Mérito individual	Características pessoais	43,0	
	Aspectos físicos	8,0	
	Aspectos morais	6,0	
	Aspectos intelectuais	4,0	61,0
Aspectos externos	Exposição	4,0	
	Aspectos financeiros	1,0	
	Nepotismo	1,0	6,0
Outros	Crença na mobilidade	18,0	
	Não categorizável	15,0	33,0
Total		100,0	100,0

Em seguida, foi solicitado aos participantes que justificassem a escolha da celebridade que eles admiram. Os resultados, conforme demonstra a Tabela 3, indicam que 43% dos participantes admiram as celebridades citadas por suas características pessoais desejáveis, tais como talento, carisma, competência, e determinação. Por exemplo: “Por que ele é bonito e trabalha bem” (participante n. 15, se referindo ao ator Thiago Lacerda), “Pela beleza e por ser fiel a esposa” (participante n. 28, se referindo ao ator Reinaldo Gianechini), “Pelo lado humano que ele tinha apesar do sucesso” (participante n. 27, se referindo ao esportista Ayrton Senna).

A crença na mobilidade foi citada por 18% dos participantes, indicando que, conforme nossa hipótese inicial, as celebridades podem ser mesmo um exemplo de ascensão social. As respostas desta categoria expressam bem a hipótese deste estudo: “Pela sua humildade e pelo fato de ter conseguido chegar aonde chegou” (participante n.65, se referindo ao ex Big Brother Domini), “Começou do nada e deu sucesso” (participante 71, se referindo ao cantor Leonardo), “Por que ele era pobre e hoje é destaque”, “Pois conseguiu mudar muitas coisas em sua vida” (participantes n. 71 e 72, se referindo ao jogador de futebol Ronaldinho), “Lutou, é o perfil de uma pessoa perseverante, obstinada, lutou até conseguir o que queria” (participante n.100 se referindo ao atual Presidente da República do Brasil, Sr Lula).

É interessante notar que os resultados da Tabela 3 reproduzem os resultados da Tabela 1, em maior proporção, no sentido de refletir a dicotomia entre as categorias que indicam as características individuais desejáveis e as categorias que indicam os aspectos externos ao indivíduo. As categorias que indicam as características individuais desejáveis são os aspectos intelectuais (4%), aspectos morais (6%), aspectos físicos (8%) e características pessoais (43%), e perfazem um total de 61% das respostas. As categorias que indicam fatores externos ao indivíduo são a exposição (4%), o nepotismo (1%) e os aspectos financeiros (1%) e perfazem um total de apenas 6% das respostas.

Solicitamos aos participantes que classificassem a dificuldade ou a facilidade da vida de uma celebridade através de uma escala de 1 a 7, sendo 1 = fácil e 7 = difícil. A média das mulheres foi de 5,2%, e a média dos homens foi de 4,9%, indicando que existe uma tendência para que tanto os homens quanto as mulheres considerem que a vida de uma celebridade é mais difícil.

A Tabela 4 mostra os resultados das justificativas dos participantes relativas ao grau de dificuldade atribuída à vida das celebridades. O aspecto financeiro (23%) e a ausência de privacidade (21%) são os itens mais citados, e se referem às vantagens e desvantagens advindas do enriquecimento por que passam estas celebridades e também ao cerceamento das liberdades individuais, como por exemplo, a liberdade de ir e vir em lugares públicos sem o incômodo de ser reconhecido e abordado. A segurança foi citada por 12% dos participantes e se refere aos problemas de segurança advindos da fama e do enriquecimento. E ainda, com 11%, foi citado o aumento de responsabilidade que inclui também o aumento de compromissos sociais e de trabalho. Num índice bem menor, foram citadas as facilidades (5%), e a ausência de amigos (2%). Exemplo: “Fica mais fácil no sentido financeiro, pode usufruir tudo que o dinheiro pode comprar. Fica mais exposta a assalto, seqüestro, perde a privacidade” (participante n.100), “Ela não se

torna uma pessoa pública, o seu sucesso torna-se uma prisão para ela” (participante n. 18).<sup>4</sup>

**TABELA 4.** Classificação e porcentagem das justificativas para a dificuldade ou facilidade da vida das celebridades.

Categorias	Porcentagens
Aspectos financeiros	23,0
Ausência de privacidade	21,0
Diferenças individuais	13,0
Trabalho-responsabilidade	11,0
Facilidades	5,0
Difícil sem amigos	3,0
Segurança	2,0
Não categorizável	22,0
Total	100,0

## **Estudo 2. As Relações entre a Admiração pelas Celebidades, a Crença num Mundo Justo e a Crença na Mobilidade Social.**

Este estudo tem como objetivo a verificação da hipótese de que a Crença no Mundo Justo e a crença na mobilidade social ancoram o interesse das pessoas pela vida pessoal das celebridades.

### **Método**

#### **Participantes**

Participaram deste estudo cem pessoas escolhidas aleatoriamente nos terminais rodoviários de duas cidades do estado de Goiás, e cem pessoas também escolhidas aleatoriamente no principal aeroporto do mesmo estado. Em ambos os casos, foram levados em conta a estratificação por sexo, portanto, 50,5% dos participantes escolhidos são do sexo masculino e 49,5% são do sexo feminino. A média de idade dos participantes foi de 31,8% anos com desvio padrão de 13,5% anos.

<sup>4</sup> Houve 22% de respostas não categorizáveis que demonstravam uma falta de compreensão do enunciado da pergunta pelos participantes. Foram respostas tais como: Ter talento e cabeça” ( participante 76), “Pois qualquer um pode conseguir” ( partici[pante 32)

A escolha do aeroporto e dos terminais rodoviários para compor a amostra teve por objetivo consultar duas classes sociais distintas. Para verificar se realmente houve essa diferenciação de classes sociais, realizamos um teste t para amostras independentes e os resultados indicam que a renda familiar dos participantes do aeroporto é maior do que a renda familiar dos participantes da rodoviária ( $t(1,157) = 4,61$ ,  $p < 0,05$ ), como podemos observar na Tabela 5.

A média da renda familiar dos participantes do aeroporto foi de R\$ 5.495,42 com desvio padrão de R\$ 6.810,14 enquanto que a média da renda familiar dos participantes das rodoviárias foi de R\$ 1.931,72 com desvio padrão de R\$ 2.146,58.

**TABELA 5.** Média, Desvio padrão (entre parênteses) e Teste t da Renda Familiar (em reais) por Local de Coleta de dados.

	Local de aplicação		Testes Estatísticos		
	Rodoviária	Aeroporto	t	gl	p<
<b>Renda familiar</b>	1.931,72 (2.146,58)	5.495,42 (6.810,14)	-4,61	157	0,005

### **Instrumento**

Este estudo teve como instrumento (anexo 2), um questionário contendo as seguintes partes:

a) Perguntas sobre Crença no Mundo Justo.

Para o desenvolvimento dessa seção, inicialmente traduzimos do inglês para o português todas as escalas gerais de CMJ e CMI que encontramos, que são:

a escala de Rubin e Peplau (1973-1975);

a escala global de CMJ de Dalbert, Montada e Schimitt (1987);

a escala global de CMJ de Lipkus (1991);

e a escala de CMI de Dalbert, Lipkus, Sallay, Goch (2001).

Após essa etapa, uma segunda pessoa fluente no inglês cotejou a tradução com o original e foram feitos mais alguns ajustes. Uma vez prontas, essas escalas foram aplicadas, em forma de entrevistas, em alunos universitários. No entanto, houve uma dificuldade muito grande de entendimento do conteúdo dos itens. Assim, o Grupo de Pesquisa em Processos Grupais se reuniu e procurou simplificar ao máximo a linguagem. Mais uma vez essas escalas foram submetidas a pessoas de baixa escolaridade e, mais uma vez, não houve a compreensão do que estava sendo perguntado. Diante dessa dificuldade, decidimos não mais utilizar escalas e partimos para outra estratégia, que foi fazer apenas três perguntas – todas em formato Likert - e que ficaram em forma de ditado popular: “Você acha que o que a pessoa faz aqui na terra ela paga aqui mesmo?” e “Você acha que a pessoa sempre recebe o troco pelo que ela faz?”. A terceira pergunta fazia alusão direta ao tema: “No geral, você acredita que o mundo é um lugar justo?”.

b) Escala de crença na mobilidade social.

Consistia numa escala em formato Likert, com quatorze itens, desenvolvida para este estudo. Exemplo: “Uma pessoa que consegue subir de vida no Brasil é uma raridade” ou “A beleza pode ajudar muito uma pessoa a subir de vida no Brasil”.

c) Escala de atitudes em relação à vida pessoal das celebridades.

Consistia em uma escala em formato Likert, com trinta e um itens, desenvolvida para esse estudo. Exemplo: “Gosto saber sobre os relacionamentos amorosos das pessoas famosas” ou “Eu não uso um produto porque uma pessoa famosa diz que ele é bom”.

d) Dados demográficos.

Sexo, idade, estado civil e renda familiar.

e) Perguntas sobre a mídia.

Consistia em duas perguntas que solicitavam aos participantes que citassem a revistas e o programa de televisão que eles mais gostam.

### **Procedimento**

O questionário foi aplicado no setor de desembarque dos terminais rodoviários e do aeroporto. Inicialmente os pesquisadores informavam aos participantes o objetivo geral da pesquisa e depois pediam que o sujeito respondesse algumas perguntas. Se o participante concordasse, então o pesquisador fazia as três primeiras perguntas ao participante e depois solicitava que ele respondesse o restante do questionário sozinho.

Em alguns casos, houve a necessidade do pesquisador aplicar todo o questionário quando solicitado pelo participante.

### **Resultados**

Através da análise das médias obtidas nas respostas às três primeiras perguntas, podemos observar que há uma tendência à alta Crença no Mundo Justo nos participantes deste estudo.

### Média , Mediana e Moda das Três Perguntas sobre CMJ

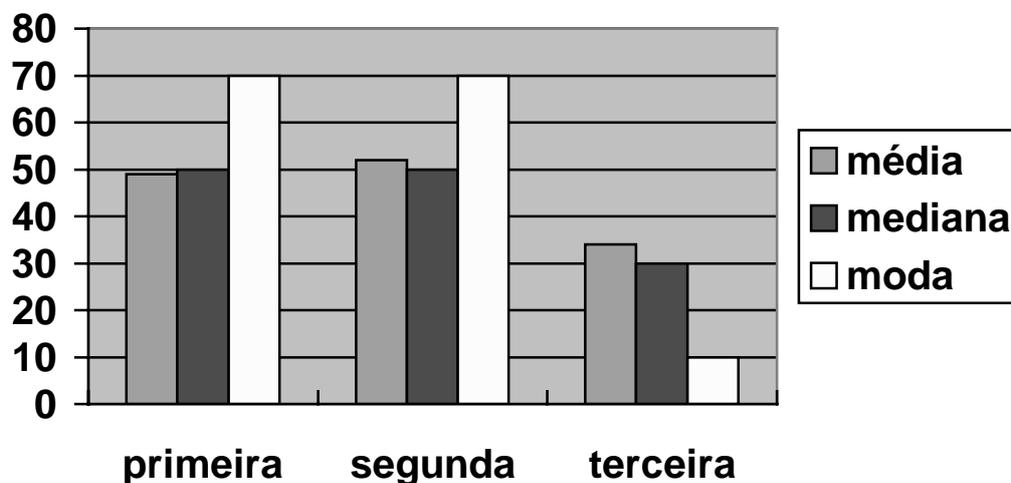


Figura 1 – Gráfico das médias, medianas e modas das três primeiras perguntas sobre CMJ.

A primeira pergunta (Você acha que tudo o que a pessoa faz aqui na terra ela paga aqui mesmo?) obteve uma média de 4.9, uma mediana de 5.0 e uma moda de 7.0, demonstrando uma tendência de concordância com a pergunta e, portanto uma tendência a confirmar a CMJ.

A segunda pergunta (Você acha que a pessoa sempre recebe o troco pelo o que ela faz?) obteve uma média de 5.2, uma mediana de 5.0 e uma moda de 7.0, demonstrando uma tendência ainda maior de concordância com a pergunta.

A terceira pergunta (No geral, você acha que o mundo é um lugar justo?) obteve uma média de 3.4, uma mediana de 3.0 e uma moda de 1.0, demonstrando uma tendência a discordância com a pergunta, contrariando os resultados das perguntas anteriores.

Essa contradição das respostas da terceira pergunta em relação às demais perguntas, pode ser explicada pela multidimensionalidade da CMJ como sugerem Furnham e Procter (1989). Ou seja, é possível um indivíduo ter alta CMJ em um

domínio de sua existência e baixa CMJ em outro. Furnham (2003) destaca a existência de nove possibilidades de Crença no Mundo Justo. Para a autora, haveria a Crença no Mundo Justo, a crença num mundo injusto e a crença num mundo randomizado, que também poderia acontecer na esfera de controle pessoal, interpessoal e político. No caso do presente estudo poderíamos explicar os dados, concluindo que nossos participantes demonstram uma alta Crença no Mundo Justo na esfera de controle interpessoal e uma baixa Crença no Mundo Justo na esfera política, ou numa esfera mais geral.

No entanto, nós também temos a hipótese de que a terceira pergunta (No geral você acha que o mundo é um lugar justo) teve uma média menor devido a seu caráter mais abstrato. As duas primeiras perguntas (Você acha que tudo o que a pessoa faz aqui na terra, ela paga aqui mesmo? ; Você acha que a pessoa sempre recebe o troco pelo o que ela faz?) apresentam situações mais concretas, particulares e cotidianas, enquanto que a terceira pergunta já exige uma avaliação geral do mundo onde a pessoa vive, exigindo uma capacidade de abstração e de teorização sobre diversas situações percebidas em sua vida. Temos a hipótese de que as pessoas que vivem em países de terceiro mundo, como no caso o Brasil, podem ter alguma dificuldade com conceitos e afirmações que denotam maior nível de abstração, devido ao aspecto precário da educação, principalmente do ensino fundamental.

Neste sentido, encontramos ressonância para essa nossa hipótese no texto de Rouquette (2003) onde ele apresenta a teoria de Scribner (1977, citado em Rouquette, 2003) que distingue duas modalidades de raciocínio. A questão é que as pessoas ao serem apresentadas a um problema que envolve um silogismo, geralmente adotam ou um viés empírico ou um viés teórico. O viés empírico se caracteriza por uma ênfase no aspecto prático do problema, privilegiando o conteúdo em detrimento da forma. O viés teórico, por sua vez, se caracteriza pela valorização da forma em detrimento do conteúdo e por isso tem um maior nível de abstração.

De acordo com Rouquette (2003) essa segunda forma de raciocínio, ou seja, o viés teórico aumenta com a alfabetização das populações e com seu nível de escolaridade, enquanto que o viés empírico possui uma relação inversamente proporcional com a alfabetização e escolarização da população. Isso significa que em sociedades onde o índice de analfabetismo é maior e onde a escolaridade é menor, como nos países de terceiro mundo onde a educação é um privilégio de poucos, haveria uma maior preponderância do viés empírico. E é essa a nossa explicação hipotética para os resultados que apresentamos, ou seja, a terceira pergunta se diferenciou das duas primeiras por ter um caráter mais abstrato e por exigir um raciocínio mais teórico, mais amplo, que levasse o sujeito a abstrair uma regra geral das suas diversas experiências particulares de vida.

Os resultados da Tabela 6 demonstram que os participantes das rodoviárias apresentaram uma atitude mais positiva em relação à vida pessoal das celebridades do que os participantes do aeroporto ( $t(1,120) = 2,48; p < 0,01$ ).

**TABELA 6.** Médias, Desvios Padrão (entre parênteses) e Teste Estatístico das Atitudes em Relação à Vida Pessoal das Celebridades em Função do Local de Aplicação dos Questionários.

	Local de aplicação		Testes estatísticos		
	Rodoviária (n=68)	Aeroporto (n=54)	t	gl	P<
Atitude em relação à vida pessoal das celebridades	3,36 (0,77)	3,04 (0,63)	2,48	120	0,01

Na Tabela 7, podemos observar os resultados referentes à escala de mobilidade social, pois ao realizarmos uma análise fatorial pelo método de análise dos componentes principais, com rotação varimax, encontramos dois fatores: crença na mobilidade social através do esforço individual e crença na mobilidade social através do apadrinhamento e

da beleza física. A análise fatorial é utilizada para descobrir os princípios organizadores das diferenças individuais, como defende Doise, Clemence e Lorenzi-Cioldi (1993), e como explicitamos no segundo capítulo.

**Tabela 7.** Cargas Fatoriais, *Eigenvalue*, Variância explicada e Fidedignidade da Escala de Crença na Mobilidade Social.

<b>Itens da escala</b>	<b>Fator1</b>	<b>Fator2</b>
Com muito esforço próprio a pessoa pode ficar rica no Brasil.	0,73	
Um dos melhores caminhos para alcançar a riqueza é a honestidade.	0,64	
A humildade é muito importante para quem quer enriquecer no Brasil.	0,60	
O pobre tem chances de se dar bem no Brasil.	0,57	
Se uma pessoa for muito esforçada ela sempre vai conseguir um bom emprego.	0,56	
Os pobres também conseguem enriquecer aqui no Brasil.	0,55	
Os pobres podem conseguir um bom emprego através de suas qualidades profissionais.	0,54	
Para uma pessoa ficar rica, ela precisa ter dignidade.	0,51	
Ninguém fica rico no Brasil sendo totalmente honesto	- 0,44	
A pessoa que conhece muitas pessoas de alto nível tem mais chances de arrumar um bom emprego.		0,80
Ter um amigo da alta sociedade pode abrir portas para um bom emprego.		0,73
A beleza pode ajudar muito uma pessoa a subir de vida no Brasil.		0,56
A aparência física conta muito para uma pessoa que procura melhorar de vida no Brasil.		0,53
<i>Eigenvalue</i>	3,14	2,08
Variância Explicada	22,43	14,83
Alpha de Cronbach	0,74	0,61

KMO = 0,698; teste de esfericidade de Bartlett = 474,178;  $p < 0,001$

No fator que se refere ao esforço individual, foram aglutinados os itens que dão como causa de ascensão social, o esforço próprio, a honestidade, a humildade, as qualidades profissionais, a dignidade e com carga fatorial negativa a desonestidade. No segundo fator foram aglutinados os itens que dão como causa de ascensão social a

aparência física e o apadrinhamento. Apenas um item foi excluído por não alcançar carga fatorial satisfatória.

Esses dados são bastante claros em demonstrar a alta crença na mobilidade social dos participantes, que dão como meios de alcançar esta mobilidade, o esforço próprio, o apadrinhamento e a beleza.

O primeiro fator desta escala (crença na mobilidade social através do esforço individual) explica 22,43% da variância e apresentou alfa de 0,74, e o segundo fator (crença na mobilidade social através da aparência física e do apadrinhamento) explica 14,83% da variância e apresentou alfa de 0,61. A medida da adequabilidade da amostra obtida através do teste Kaiser-Meyer-Olkin é de 0,698, e o teste de esfericidade de Bartlett é de 474,178,  $p. < 0,001$ .

Ao realizarmos a análise fatorial da escala de atitudes em relação às celebridades pelo mesmo método (Tabela 8), obtivemos a extração de apenas um fator com itens positivos e itens negativos.

**TABELA 8.** Cargas Fatoriais, *Eigenvalue*, Variância Explicada, e Fidedignidade da Escala de Atitudes em Relação à Vida Pessoal das Celebridades.

<b>Itens</b>	<b>Fator</b>
Eu gosto de conversar com outras pessoas que também gostam de saber sobre a vida das celebridades.	0,71
Gostaria de ter uma assinatura que trata da vida pessoal das pessoas famosas.	0,70
Eu gostaria de ter uma foto minha com uma pessoa famosa que eu admiro.	0,70
Eu gosto de saber detalhes do casamento de uma pessoa famosa.	0,69
Eu gosto de ler revistas do estilo da revista Caras.	0,69
Quando morre alguém famoso, sinto como se fosse alguém que eu conhecia muito.	0,64
Se eu fosse a um show, com certeza eu tentaria ir ao camarim para encontrar o cantor pessoalmente.	0,64
Tenho fotos de pessoas famosas em minhas coisas.	0,62
Se eu encontrasse alguém famoso eu gostaria de pedir um autógrafo.	0,62

---

Gosto de ver fotos das casas de pessoas famosas.	0,61
Escolho o que vestir baseado no que as pessoas famosas vestem.	0,60
Acho perda de tempo procurar saber sobre a vida das pessoas famosas.	-0,59
Gostaria de ser selecionado para participar do Big Brother.	0,59
Quando uma pessoa famosa faz propaganda de um produto, fico mais confiante em compra-lo.	0,57
Fico alegre com as alegrias das pessoas famosas e fico triste com suas tristezas.	0,55
Gosto de saber sobre os relacionamentos amorosos das pessoas famosas.	0,55
Se eu pudesse gostaria de ser um artista famoso.	0,53
Não gosto de programas de televisão que contam o que está acontecendo na vida dos famosos.	-0,52
Eu não tenho curiosidade de ir ao camarim de uma pessoa famosa.	-0,48
Não gosto de vestir roupas que entram na moda por causa de uma novela.	-0,45
Eu não uso um produto porque uma pessoa famosa diz que ele é bom.	-0,44
Fico emocionado quando vejo os grandes acontecimentos da vida dos famosos.	0,43
Não me interessa em saber como era o vestido de noiva de uma pessoa famosa que se casou .	-0,41
Eigenvalue	8,41
Variância explicada	27,12
Alfa de Cronbach	0,90

---

KMO = 0,769; Teste de esfericidade de Bartlett = 1638,007; e  $p < 0,001$

Esse único fator indica uma atitude favorável ou desfavorável em relação à vida pessoal das celebridades, sendo que os itens com carga fatorial negativa são os itens que indicam atitudes desfavoráveis e os itens com carga fatorial positiva são os itens que indicam as atitudes favoráveis. Oito itens foram excluídos por não alcançarem carga fatorial mínima, e vale ressaltar que esta escala obteve índices de fidedignidade bem expressivos, como o alfa de 0,90. O fator único explica 27,12% da variância e tem um *eigenvalue* de 8,41.

Calculamos também as correlações entre as perguntas sobre Crença no Mundo Justo, a atitude em relação à vida pessoal das celebridades e os dois fatores de crença na

mobilidade social - esforço e beleza (Tabela 9). Esse cálculo foi feito separadamente para os participantes do aeroporto e das rodoviárias.

**TABELA 9.** Correlações Bivariadas entre as Perguntas Sobre CMJ, os Fatores de Mobilidade Social e a Escala de Atitude em Relação à Vida Pessoal das Celebidades, (participantes do aeroporto).

	Mobilidade esforço	Mobilidade beleza	Celebridade	CMJ 1	CMJ 2	CMJ 3
Mobilidade esforço	-	-	-	-		
Mobilidade beleza	-	-	-	-		
Celebridades	,294*	-	-	-		
CMJ 1	,357**	-	-	-	0,399**	
CMJ 2	-	-	-	-		
CMJ 3	-	-	-			

\* $p < 0,05$  , \*\* $p < 0,01$

No aeroporto as correlações foram mais numerosas e visíveis, sendo que houve três correlações significativas:

A correlação positiva entre a mobilidade através do esforço e a atitude em relação às celebridades, confirmando a nossa hipótese inicial de que as celebridades podem servir de exemplo de pessoas que conseguem subir na vida através do esforço próprio.

A correlação positiva entre a mobilidade e a primeira pergunta sobre CMJ, novamente confirmando nossa hipótese inicial de que a crença na mobilidade social através do esforço próprio estaria correlacionada com a Crença no Mundo Justo.

A correlação positiva entre a primeira e a segunda pergunta sobre CMJ, sendo que esta correlação já era esperada porque as duas perguntas obtiveram médias bem semelhantes de respostas, além do fato de terem o mesmo conteúdo, mudando apenas a forma. (“Você acha que tudo que a pessoa faz aqui na terra ela paga aqui mesmo?”, “Você acha que a pessoa sempre recebe o troco pelo que ela faz?”).

Nos resultados dos participantes entrevistados nas rodoviárias, apenas a correlação óbvia entre a primeira e a segunda pergunta sobre a CMJ foi encontrada (0,309\*\* p.<0,01). Estes resultados nos remetem novamente a questão do nível de abstração dos participantes, discutido anteriormente nos resultados sobre as perguntas de CMJ. Ou seja, talvez os participantes das rodoviárias apresentem mais o viés empírico e tiveram mais dificuldades de compreender as perguntas e afirmações do instrumento, principalmente nas perguntas de caráter mais abstrato. Por isso, parece haver maior congruência nas respostas dos participantes do aeroporto do que nos participantes das rodoviárias.

Já os resultados as perguntas que inquiriram sobre os programas de televisão e as revistas prediletas demonstraram bastante congruência tanto nos participantes do aeroporto quanto nos participantes das rodoviárias. Os participantes do aeroporto mostraram preferir revistas de interesse geral, como por exemplo, *Època*, *Isto é*, *Veja* (33,7%). E em segundo lugar, parecem preferir revistas femininas e de moda (*Claudia*, *Manequim*) revistas de esportes (*Placar*) e outros tipos de revistas (todos com 6%). Em relação aos programas de televisão, a preferência recai sobre os programas jornalísticos (29,1%) sendo que em segundo lugar ficam empatados (novamente com 6%) os programas religiosos, os programas humorísticos, os programa infantis e os categorizáveis como outros.

Os participantes das rodoviárias também demonstram preferir as revistas de interesse geral, no entanto, em segundo lugar vêm as revistas de celebridades e de televisão (9%), e em terceiro lugar as revistas masculinas (6%). Os programas jornalísticos também são os prediletos dos participantes das rodoviárias (24,6%), mas em segundo lugar vêm os programas de auditórios (12%) e em terceiro lugar as novelas e minisséries (9,7%). Este resultado confirma o resultado anterior do teste t (Tabela 6)

onde se confirma que há uma atitude mais favorável as celebridades nos participantes das rodoviárias.

Fizemos uma regressão múltipla para verificar as possíveis relações entre o interesse pela vida pessoal das celebridades (variável dependente) e o conjunto de variáveis que poderiam estar ancorando-o (variáveis independentes): Crenças no Mundo Justo I (Você acha que tudo o que a pessoa faz aqui na terra ela paga aqui mesmo?), Crença no Mundo Justo II (Você acha que a pessoa sempre recebe o troco pelo que ela faz?), Crença no Mundo Justo III (No geral, você acha que o mundo é justo?), crença na mobilidade social pelo apadrinhamento e beleza, crença na mobilidade social pelo esforço, renda e idade dos participantes.

**TABELA 10.** Regressão Múltipla, pelo Método *Stepwise*, utilizando como variável critério as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades e como variável antecedente a CMJ I, CMJ II, CMJ III, crença na mobilidade social pelo apadrinhamento e beleza, crença na mobilidade social pelo esforço, renda e idade dos participantes.

<b>Atitudes em relação às celebridades</b>			
	Beta	t	p<
Mobilidade pelo esforço	0,259	2,553	s.0,012
Mobilidade pela beleza	-0,013 <sup>a</sup>	-0,124	n.s.0,902
CMJ I	0,092 <sup>a</sup>	0,876	n.s.0,383
CMJ II	0,050 <sup>a</sup>	0,480	n.s.0,633
CMJ III	-0,056 <sup>a</sup>	-0,547	n.s.0,585
Idade	0,033 <sup>a</sup>	0,309	n.s.0,758
Renda	0,002 <sup>a</sup>	0,018	n.s.0,986
Coefficiente de Regressão	R= 0,25		
Variância explicada	R <sup>2</sup> = 0,064	R <sup>2</sup> ajustado=0,054	
Significância do modelo	F= (1,92) = 6,287		P< 0,05

Encontramos apenas uma variável independente influenciando nossa variável dependente, ou seja, apenas a crença na mobilidade através do esforço influenciando a atitude das pessoas em relação à vida pessoal das celebridades. Ou seja, quanto maior a

crença na mobilidade social através do esforço próprio, mais positiva a atitude em relação às celebridades, confirmando nossa hipótese inicial mais uma vez, de que as celebridades podem ser exemplos de pessoas que ascenderam socialmente, como aliás, também constatamos nos resultados das correlações dos participantes do aeroporto. Isto significa que se o indivíduo for esforçado ele pode subir de vida e conseqüentemente caso isto não ocorra, é porque o indivíduo tem se esforçado pouco. No segundo capítulo, descrevemos a teoria de Habermans (1975, citado em Seliktar, 1986) onde ele explica como uma falha do sistema é transformada ideologicamente numa falha do indivíduo. Esse resultado é um exemplo de como isto realmente acontece, o indivíduo passa a ser culpado das injustiças que ele mesmo sofre. Aliás, também podemos perceber aqui um embrião da idéia da vitimização secundária, também explicitada no segundo capítulo, como uma tendência à desvalorização da vítima ou a culpabilização da vítima para recobrar o equilíbrio cognitivo da crença num mundo justo. Afinal o indivíduo não sobe de vida porque não se esforça o suficiente, isto significa que ele é culpado de sua própria pobreza.

Não encontramos nenhuma correlação entre a Crença no Mundo Justo e as atitudes em relação às celebridades, como antevia a nossa hipótese inicial. Como descrevemos ao longo deste trabalho, nossa hipótese inicial era que as atitudes das pessoas em relação à vida pessoal das celebridades estariam ancoradas na crença na mobilidade social e na CMJ. Afirmamos que as pessoas aderem à indústria das celebridades, porque ela vende a esperança de ascensão social (crença na mobilidade social) e porque as pessoas acreditam que o mundo recompensa os que se esforçam (CMJ).

No entanto, uma hipótese explicativa para esses resultados talvez seja que a CMJ funcione como um moderador ou mediador entre a crença na mobilidade social e as atitudes positivas relacionadas à vida pessoal das celebridades. De acordo com Baron e

Kenny (1986) uma variável pode exercer dois tipos de funções: moderadora ou mediadora. No caso do moderador, ela muda a direção de uma relação que já existe, por exemplo, uma relação é positiva e, na presença do moderador, ela se torna negativa, ou vice versa. No caso do mediador, a sua presença potencializa uma relação que já existe.

Para testar esta nova hipótese, dividimos nossa amostra nos valores das medianas de cada uma das questões sobre CMJ, ficando assim com dois grupos de participantes: os de alta CMJ e os baixa CMJ. Posteriormente, fizemos regressões múltiplas para investigar se as relações entre crença na mobilidade social e as atitudes relacionadas á vida pessoal das celebridades sofriram alguma modificação de acordo com os níveis de CMJ. Mais uma vez incluímos como variáveis independentes a crença na mobilidade social pelo esforço, idade e renda dos participantes. Á partir desses procedimentos, os resultados se configuraram de forma diferente.

**TABELA 11.** Regressão múltipla, pelo método *stepwise*, utilizando como variável critério as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades e como variáveis antecedentes a crença na mobilidade social pelo apadrinhamento e beleza, crença na mobilidade social pelo esforço, idade e renda dos participantes.

<b>Alta crença num mundo justo ( pergunta 3, No geral, você acha que o mundo é um lugar justo?)</b>			
	Beta	t	p<
Mobilidade pelo esforço	0,309	2,497	s.0,015
Mobilidade pela beleza	-0,103 <sup>a</sup>	-0,827	n.s.0,412
Renda	0,004 <sup>a</sup>	0,031	n.s.0,976
Idade	-0,004 <sup>a</sup>	-0,034	n.s.0,973
Coefficiente de Regressão	R= 0,31 <sup>a</sup>		
Variância explicada	R <sup>2</sup> = 0,09	R <sup>2</sup> ajustado=0,08	
Significância do modelo	F= (1,59) = 6,233	P< 0,015 <sup>a</sup>	

Na pergunta, “No geral, você acha que o mundo é um lugar justo?”, os resultados demonstram que nos participantes com alta CMJ (tabela 12), a crença na mobilidade social por esforço próprio foi a única variável a se relacionar com o interesse pela vida pessoal das celebridades. O mesmo procedimento foi realizado apenas com os participantes de baixa CMJ e, como era esperado, nenhuma das formas de crença na mobilidade social se relacionou com o interesse pela vida pessoal das celebridades, bem como nenhuma das outras variáveis. Isto significa que a CMJ modera a relação entre a crença na mobilidade social e as atitudes em relação a vida pessoal das celebridades. O mesmo padrão de resultados foi encontrado na pergunta “Você acha que a pessoa sempre recebe o troco pelo o que ela faz?” (Tabela 12).

**TABELA 12.** Regressão múltipla, pelo método *stepwise*, utilizando como variável critério as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades e como variáveis antecedentes a crença na mobilidade social pelo apadrinhamento e beleza, crença na mobilidade social pelo esforço, idade e renda dos participantes.

<b>Alta crença num mundo justo (pergunta 2, Você acha que a pessoa sempre recebe o troco pelo que ela faz?)</b>			
	Beta	t	p<
Mobilidade pelo esforço	0,366	3,171	s.0,002
Mobilidade pela beleza	-0,16 <sup>a</sup>	-0,139	n.s.0,890
Renda	0,021 <sup>a</sup>	0,176	n.s.0,861
Idade	-0,074 <sup>a</sup>	-0,623	n.s.0,536
Coefficiente de Regressão	R= 0,36 <sup>a</sup>		
Variância explicada	R <sup>2</sup> = 0,13	R <sup>2</sup> ajustado=0,121	
Significância do modelo	F= (1,65) = 10,055	P< 0,001 <sup>a</sup>	

Entretanto, na pergunta “Você acha que tudo o que a pessoa faz aqui na terra ela paga aqui mesmo?”, os resultados parecem contrariar os resultados das duas demais perguntas, (tabela 14). Nesta pergunta ocorre justamente o contrário, nas pessoas com baixa CMJ, a crença na mobilidade social por esforço próprio se relaciona com as atitudes em relação a vida pessoal das celebridades e nas pessoas com alta CMJ isso não acontece. Ou seja, as relações entre a crença na mobilidade social por esforço próprio e o interesse pelas celebridades são moderadas de forma diferente por essa questão.

**TABELA 13.** Regressão múltipla, pelo método *stepwise*, utilizando como variável critério as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades e como variáveis antecedentes a crença na mobilidade social pelo apadrinhamento e beleza, crença na mobilidade social pelo esforço, idade e renda dos participantes.

<b>Baixa crença num justo (pergunta 1, Você acha que tudo o que a pessoa faz aqui na terra ela paga aqui mesmo?)</b>			
	Beta	t	p<
Mobilidade pelo esforço	0,363	2,303	.s.0,027
Mobilidade pela beleza	-0,013 <sup>a</sup>	-0,081	n.s.0,936
Renda	0,090 <sup>a</sup>	0,552	n.s.0,585
Idade	0,319 <sup>a</sup>	1,974	n.s.0,057
Coefficiente de Regressão	R= 0,36 <sup>a</sup>		
Variância explicada	R <sup>2</sup> = 0,13	R <sup>2</sup> ajustado=0,11	
Significância do modelo	F= (1,35) = 5,306	P< 0,027 <sup>a</sup>	

Encontramos duas explicações possíveis para estes resultados contraditórios. A primeira é que esta última pergunta (Você acha que tudo o que a pessoa faz aqui na terra ela paga aqui mesmo?) pode ser a única que se refere mais especificamente à punição pelos maus atos, sendo que as demais (Você acha que a pessoa sempre recebe o troco pelo que ela faz?, No geral, você acha que o mundo é um lugar justo?), tanto podem se

referir a punições quanto a recompensas. Ou seja, quando afirmamos que a pessoa paga pelo o que ela faz estamos afirmando que a pessoa vai receber de volta o mau que fez. Mas quando afirmamos que a pessoa recebe o troco pelo o que ela faz, tanto pode ser a punição pelo mau quanto a recompensa pelo bem que a pessoa fez. O mesmo acontece quando dizemos que o mundo é justo, significando que o mau será punido e o bem recompensado.

Portanto podemos inferir que a primeira pergunta, na verdade, se refere à Crença no Mundo Injusto, pois ela faz alusão as injustiças que acontecem e que são praticadas pelas pessoas e não a justiça na retribuição pelos atos da pessoa. Nesse caso, teríamos que a pergunta que classificamos como CMI estaria num lado de um *continuum*, sendo que no lado extremo oposto deste mesmo *continuum*, estariam as duas perguntas que classificamos como CMJ. Assim sendo, estaríamos de acordo com Rubin e Peplau (1973-1975) quando eles definiram a CMJ como uma crença unidimensional e bipolar.

De acordo com esta primeira explicação, portanto, a alta CMJ é moderadora entre a crença na mobilidade social e as atitudes em relação a vida pessoal das celebridades. Ou seja, estes resultados confirmariam a nossa hipótese explicativa, de que quando os níveis de CMJ são altos, as relações entre crença na mobilidade social e as atitudes em relação à vida pessoal das celebridades são significativas. Quando os níveis de CMJ são baixos, esses dois construtos não se relacionam.

A segunda explicação se refere a uma hipótese inicial que tivemos e descartamos no início deste estudo porque tivemos dificuldades de encontrar textos sobre o Maquiavelismo. É uma hipótese baseada no estudo de McCutcheon (2003) que relaciona a tendência a adorar as celebridades com a CMJ e com o Maquiavelismo, sendo que se confirma apenas a correlação entre a CMJ e a adoração às celebridades. Entretanto como descrevemos na apresentação, esta pesquisa de McCutcheon (2003) foi

motivo de inspiração para o nosso projeto, que inicialmente também se propunha a verificar a ligação das atitudes das pessoas frente a vida pessoal das celebridades com o Maquiavelismo. Poderíamos então inferir que os resultados da pergunta “Você acha que tudo o que a pessoa faz aqui na terra ela paga aqui mesmo?”, foram contrários ao previsto devido à possibilidade, não investigada, de que a crença no Maquiavelismo também estaria influenciando a crença na mobilidade social. Ou seja, o indivíduo pode crer que é possível subir de vida através da esperteza, do cinismo, das vantagens pessoais, enfim crendo que ele não pagará pelo mau que fizer. A crença no Maquiavelismo é a crença na primazia do próprio interesse, na decepção com a natureza humana, na manipulação pública e num alto grau de cinismo. Ela também pode ser vista como um componente da representação social da vida pública, da vida em sociedade, que implicaria numa concepção de um mundo repleto de homens maus, onde é necessário esperteza para sobreviver.

Estes resultados podem ser comparados aos resultados da análise fatorial da escala de mobilidade social deste estudo, que determinou dois fatores: a crença na mobilidade social através do esforço e a crença na mobilidade social através do apadrinhamento e da beleza. A crença na mobilidade social através do esforço é bem congruente com a Crença no Mundo Justo, pois se o indivíduo se esforçar bastante, for honesto, humilde, digno e com boas qualidades profissionais, ele vai ascender socialmente. Já a crença na mobilidade social através do apadrinhamento e da beleza é bem congruente com o Maquiavelismo, pois se o indivíduo tiver beleza e souber usá-la, ou se ele bajular as pessoas certas, ele poderá ascender socialmente.

No próximo capítulo, esses aspectos serão discutidos mais detalhadamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi estudar as atitudes das pessoas em relação à vida pessoal das celebridades, enquanto representações sociais, pois segundo Doise (2001) isso possibilitaria integrar os sistemas individuais de atitudes aos sistemas de relações sociais. Para isso, nos propusemos a investigar as ancoragens das atitudes no sistema de crenças, embasados pela teoria da ação refletida de Fishbein e Ajzen (citado em Lima, 1996) que pressupõe que as atitudes são o resultado de um trabalho de avaliação de crenças. Portanto, hipotetizamos inicialmente que a crença na mobilidade social e a Crença no Mundo Justo estariam ancorando as atitudes das pessoas em relação à vida pessoal das celebridades, pois no Brasil, grande parte das pessoas famosas são exemplos de ascensão social rápida.

Em função deste objetivo geral, desenvolvemos dois estudos empíricos. O primeiro teve como finalidade o levantamento dos conteúdos das representações sociais que as pessoas têm das celebridades, ou seja, buscamos investigar a objetivação para podermos desenvolver um instrumento a respeito das atitudes das pessoas em relação à vida pessoal das celebridades. Os resultados demonstraram que a maioria dos participantes pensam que a fama provém das características desejáveis do indivíduo como a inteligência, a competência, o carisma, a determinação, a honestidade e a beleza física. Em um número bem menor, também houve os que atribuíram a fama à aspectos externos ao indivíduo como o dinheiro, o nepotismo e a exposição na mídia. Além disso, os resultados também mostraram que as celebridades mais admiradas pelos participantes foram os músicos, os atores e os esportistas, sendo que as características pessoais e a mobilidade social pela qual essas celebridades passaram foram as principais justificativas dos participantes para a admiração de suas celebridades favoritas. Houve indicativos, portanto, neste primeiro momento que a representação social sobre as

celebridades nos goianos poderia ter em seu conteúdo a idéia de que a fama está relacionada com as características individuais desejáveis que determinadas pessoas possuíssem. Como ressaltamos na apresentação deste trabalho, esse dado propicia questionamentos a respeito da excessiva valorização do individualismo na cultura ocidental.

No segundo estudo, esse modelo teórico fica mais claro, pois além de confirmar a preponderância da crença na mobilidade social, através da análise fatorial, identificamos dois fatores; a crença na mobilidade social através do esforço próprio e a crença na mobilidade social através do apadrinhamento e da beleza; ambos novamente se referem a características individuais. Esses dois fatores também podem ser teoricamente explicados pela CMJ e pelo Maquiavelismo. Ou seja, hipoteticamente, se o indivíduo tem alta Crença no Mundo Justo, ele vai acreditar na mobilidade social através do esforço pessoal. Mas se o indivíduo tem alta crença no Maquiavelismo, ele vai acreditar na mobilidade social através do apadrinhamento e da beleza.

Entretanto as atitudes das pessoas em relação à vida pessoal das celebridades do entretenimento somente se relacionam com a crença na mobilidade social nas pessoas com alta CMJ. Só que ao contrário do que prevíamos, a CMJ não ancora diretamente as atitudes das pessoas em relação às celebridades, mas ela funciona como um moderador entre a crença na mobilidade social e as atitudes das pessoas em relação à vida pessoal das celebridades do entretenimento, ou seja, a CMJ pode mudar a direção da relação entre essas duas variáveis, tornando-a positiva ou negativa.

De forma que poderíamos concluir que além de confirmar a participação das duas crenças da nossa hipótese (CMJ e crença na mobilidade social) ancorando o interesse pela vida pessoal das celebridades, também encontramos uma terceira crença (Maquiavelismo) que apesar de não ter sido investigada diretamente neste trabalho,

pode ser inferida por meio da análise de conteúdo dos itens que formaram o fator de crença na mobilidade social por meio do apadrinhamento e da beleza.

Os desdobramentos sociais desta representação das celebridades do entretenimento como exemplos de mobilidade social merecem ser investigados com maior profundidade, entretanto faremos algumas considerações a esse respeito. Entendemos que o principal desdobramento desses resultados se refere à crença na mobilidade social, demonstrada pelos dados dos estudos empíricos. Isso porque se as pessoas crêm que vão ascender socialmente em uma trajetória individual, elas não vão participar e nem se interessar por movimentos baseados na crença na mudança social, ou seja, na crença de que é preciso recorrer a lutas de grupos para conseguir melhorias na qualidade de vida. Especialmente se as pessoas crêm que poderão ascender através do esforço individual, pois seus atos serão devidamente recompensados pelo mundo justo em que vivem. Nesse sentido nossos resultados vêm de encontro com a constatação de Furnham (1989) de que um dos correlatos mais consistentes da CMJ é a adesão a atitudes sociais e as políticas conservadoras. Também confirma Camino e Tróccoli (1982) e Rubin e Peplau (1975) que correlacionam negativamente a escala de Crença no Mundo Justo com o ativismo político.

Outro aspecto que não pode deixar de ser abordado foi a dificuldade que tivemos para medir a Crença no Mundo Justo, pois além dos dois estudos apresentados neste trabalho houveram mais dois estudos que não foram diretamente utilizados neste trabalho mas que nos mostraram um dado extremamente interessante. Estes dois estudos foram aplicados em universitários e falharam no objetivo de validar pelo menos uma das quatro escalas de CMJ que traduzimos e adaptamos para o português, mas foram válidos no sentido de nos mostrar a dificuldade dos participantes com o raciocínio abstrato, ou com o viés teórico segundo Rouquette (2003). De acordo com Rouquette (2003) existem duas formas de raciocínio, sendo que uma privilegia mais os

aspectos práticos e a outra privilegia mais os aspectos teóricos. A primeira é denominada de viés empírico e se caracteriza pela ênfase no conteúdo em detrimento da forma, o que significa que esse tipo de raciocínio valoriza mais as exceções do que as regras. As celebridades são as exceções que no pensamento compartilhado de muitos brasileiros possui o peso de regra, ou seja, são as exceções que alimentam as esperanças de milhares. A mídia veicula cotidianamente esses exemplos de artistas e esportistas que tiveram uma ascensão social rápida e radical. A má qualidade de ensino do Brasil, que ficou patente quando encontramos a predominância do viés empírico até em universitários, contribui na construção equivocada destas representações sociais das celebridades como exemplos de mobilidade social.

Essa constatação de que as deficiências do ensino brasileiro servem aos propósitos políticos e ideológicos de manutenção do *statu quo* é bastante antiga e um tanto quanto óbvia, no entanto, as novas formas e as sutilezas que esses processos vão adquirindo através dos tempos, para se adequarem às pressões sociais, são interessantes para a compreensão do comportamento social das pessoas. Segundo Camino e colaboradores (2000) a discriminação racial vem assumindo novas formas no Brasil e vem se tornando cada vez mais sutis, pensamos que o mesmo acontece com o sistema de crenças que justifica a distribuição injusta de riquezas no país. A desigualdade social está presente o tempo todo na vida das pessoas e a convivência com ela se torna cada vez mais difícil, exigindo a construção de teorias do senso comum cada vez mais elaboradas e sutis para legitimar as injustiças.

Uma questão teórica que merece ser melhor investigada posteriormente, é a influência do viés empírico na CMJ e principalmente em seus meios de medição, inclusive porque a medição e a estruturação do conceito da CMJ tem gerado muita polêmica no meio acadêmico. Como discutimos no segundo capítulo, algumas novas questões têm surgido e com elas também surgem novas formas de medição. A

capacidade de abstração do indivíduo parece influenciar na avaliação da justiça ou da injustiça do mundo em que ele vive.

Finalmente, concluimos que o interesse pela vida pessoal das celebridades, como prevíamos na apresentação deste trabalho, reflete considerações sobre a convivência das pessoas com as incoerências das desigualdades sociais. O conceito de sistema de crenças tem sido utilizado para explicar como e porque os indivíduos aceitam e convivem com um determinado modelo de distribuição de riquezas, no entanto, os estudos de representações sociais podem trazer novas perspectivas sobre a forma como isso acontece. Este trabalho é um exemplo prático de como o sistema de crenças realmente efetiva e legítima a distribuição de riquezas de uma sociedade. Demonstra que o sistema de crenças não é posterior a distribuição de riquezas, mas ele é parte constituinte de uma determinada ordem social, que é referendada por uma rede de situações complexas que envolvem o cotidiano dos indivíduos, seus grupos de pertença, as instituições de uma sociedade e também seus sistemas mais amplos. O conceito de representações sociais pode elucidar esse limiar entre o social e o individual que por tantos anos esteve tão obscuro e por isso pode esclarecer muitas questões sobre o sistema de crenças. Afinal, essas crenças que compõem esse sistema, são crenças dos indivíduos e que influenciam seus comportamentos, suas atitudes e enfim, toda uma interpretação do mundo em que vivemos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, P. M. (2003). *A (In)justiça no “nosso” mundo e no mundo dos “outros”: Crença num mundo justo e vitimização secundária de pessoas do endogrupo e do exogrupo*. Dissertação de mestrado não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal.
- Ahmed, S. M. S., Stewart, R. A. C. (1985). Factor Analytical and Correlational Study of Just World Scale. *Perceptual and Motor Skills*, 60, 135-140.
- Almeida, A. M. O. (1996). *Questões Teórico-Metodológicas no Estudo das Representações Sociais*. In: 48 Reunião Anual da SBPC, São Paulo.
- Alperstein, N. M. (1991). Imaginary social relationships with celebrities appearing in television commercials. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 35, 43-58.
- Ariès, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Ashe, D. D., Mc Cutcheon, L. E. (2001). Shyness, loneliness, and attitude toward celebrities.(on line). *Current Research in Social Psychology*, 6, 124-130.  
<<http://www.uiowa.edu/~grpproc>>
- Aurélio, B., H., F. Novo Dicionário Aurélio. Editora Nova Fronteira
- Baron, R. M. e Kenny, D. A. (1986). The moderator – mediatos variable distinction in Social Psychological research: conceptual, strategic, and statistical considetations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(6), 1173-1182.
- Basil, M. D. (1996). Identification as a mediator of celebrity effects. *Journal of Broadcasting & eletronic Media*, 40, 478-495.
- Beit – Hallahmi, B. (1981). Ideology in psychology: How psychologists explain inequality. In: R. A. Solo and C. W. Anderson (Eds.). *Value judgement and income distribution*. New York: Praeger, 70 - 106.

- Camino, L., Troccoli, B. (1982). Categorization of Violence: the belief in just world and political activism. *Manuscrito UFPb*, João Pessoa, Pb.
- Camino, L., Silva, P., Machado, A. & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. *Revista de Psicologia Política*, 1, 13-36.
- Correia, I. F. (2000). A Teoria Da Crença Num Mundo Justo E A Vitimização Secundária. *Psicologia*, XIV(2), 353-283.
- Correia, I. F. , Vala, J. (2003). When Will a Victim Be Secondarily Victimized? The Effect of Observer's Belief in a Just World, Victim's Innocence and Persistence of Suffering. *Social Justice Research*.16(4), 379-399.
- Eyck, T. T. (2000). Interpersonal and mass communication: matters of trust and control. (on line). *Current Research in Social Psychology*, 5, 206-224.  
<<http://www.uiowa.edu/~grpproc>>
- Dalbert, C., Lipkus, I. M., Sallay, H., Goch, I. (2001). A just and an unjust world: structure and validity of different world beliefs. *Personality and Individual Differences*, 30, 561-577.
- Dietz, P. E., Matthews, D. B., Van Duyne, C., Martell, D. A., Parry, C. D. H., Stewart, T., Warren, J., and Crowder, J. D. (1991). Threatening and Otherwise Inappropriate Letters to Hollywood Celebrities. *Journal of Forensic Sciences*, 36, 185-209.
- Doise, W. (1982). A Mudança Em Psicologia Social. *Mudança Social e Psicologia Social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Doise, W. (2001). Atitudes e representações sociais. In D. Jordelet (eds.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Uerj.
- Doise, W. (2002). Da psicologia social a psicologia societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 27-35.

- Doise, W., Clemence, A., & Lorenzi-Cioldi, F. (1993). *The quantitative analysis of social representations*. Hempel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- Elliott, A. (1998). Celebrity and political psychology: remembering Lennon. *Political Psychology*, 19, 831-852.
- Farr, R. M. (2001). *As raízes da psicologia social moderna* ( 4 ed.).Rio de Janeiro: Vozes.
- Furnham, A. (1985). Just world beliefs in an unjust society: A cross cultural comparison. *European Journal of Social Psychology*, 15, 363-366.
- Furnham, A., Procter, E. (1989). Belief in a just world: review and critique of the individual difference literature. *British Journal of Social Psychology*, 28, 365-384.
- Furnham, A. (1992). Just world Beliefs in Twelve Societies. *The Journal of Social Psychology*. 188(3), 317-329.
- Furnham, A. (2003). Belief in a just world: research progress over the past decade. *Personality and Individual Differences*, 34, 795-817.
- Greene, A.L., Adams-Price, C. (1990). Adolescents secondary attachments to celebrity figures. *Sex Roles*, 23, 333-347.
- Hafer, C. L. (2000). Do Innocent Victims Threaten the Belief in a Just World? Evidence From a Modified Stroop Task. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(2), 165-173.
- IBGE (2000). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. (on line) [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)
- Jarspars, J. M. F. and Fraser, C. (1984). Attitudes and social representations. In R. M. Farr and Moscovici (eds), *Social Representations*, 101-23. Cambridge: Cambridge University Press.

- Jordelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. Jordelet (org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed da UERJ.
- Kay, A. C., Jost, J. T. (2003). Complementary Justice: Effects of “Poor but Happy” and “Poor but Honest” Stereotype Exemplars on System Justification and Implicit Activation of the Justice Motive. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(5), 823-837.
- Krech, D., Cruthfield, R. S., Ballachey, E. L. (1975). A natureza e a mensuração de atitudes. In Krech, D., Cruthfield, R. S., Ballachey, E. L. *O indivíduo na sociedade: um manual de psicologia social*. (3 ed). São Paulo: Pioneira.
- Kruger, H.(1986). *Introdução à Psicologia Social*. São Paulo: Pedagógica Universitária.
- Lerner, M. J. (1971). Observers evaluation of victim: justice, guilt, and veridical perception. *Journal of Social Psychology*, 20, 127-135.
- Lerner, M. J. (1974). The justice motive: “equity” and “parity” among children. *Journal of Personality and Social Psychology*, 29, 539-550.
- Lerner, M. J. (1975). The justice motive in social behavior: introduction. *Journal of Social Issue*, 31, 1-19.
- Lerner, M. J., Miller, D. T. (1978). Just world research and the attribution process: Looking back and ahead. *Psychological Bulletin*, 85, 1030-1050.
- Lerner, M. J. (1980). *Belief in a just world: a fundamental delusion*. New York: Plenum Publishing Corporation.
- Lima, M. L. P. (1996). Atitudes. In J. Vala & M. B. Monteiro (eds.). *Psicologia Social* (2 ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lipkus, I. (1991). The Construction and Preliminary Validation of Global Belief in a Just World Scale and Exploratory Analysis of the Multidimensional Belief in a Just World Scale. *Personality and Individual Differences*. 12 (11), 1171-1178.

- Lipkus, M. I., Dalbert, C., Siegler, I. C. (1996). The Importance of Distinguishing the Belief in a Just World for Self Versus for Others: Implications for Psychological Well-Being. *PSPB*, 22 (7), 666-677.
- Likert, R. (1970). The technique for measurement of attitudes. In G.F. Summers (org). *Attitude measurement*. London: Kershaw.149-158.
- Mc Cutcheon, L. E., Maltby, J. (2002). Personality attributions about Individuals high and low in the tendency to worship celebrities. (on line). *Current Research in Social Psychology*, 7, 325-339. <[http\\www,uiowa.edu|~grpproc](http://www.uiowa.edu/~grpproc)>
- Mc Cutcheon, L. E. (2003). Machiavellianism, Belief in a just world, and the tendency to worship celebrities. (on line). *Current Research in Social Psychology*, 8, 131-137. <[http\\www,uiowa.edu|~grpproc](http://www,uiowa.edu|~grpproc)>
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Olson, J. M., Zanna, M. P. (1993). Attitudes and attitude change. *Annu. Rev. Psychol.*, 44, 117-154.
- Raviv, A., Bar-Tal, D., Raviv, A., Bem-Horin, A. (1996). Adolescent idolization of pop singers: causes, expressions, and reliance. *Journal of Youth and Adolescence*, 25, 631-649.
- Rey, F. G. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thompson.
- Rouquette, M. (2003). Introdução ao Estudo do Conhecimento Social. In A. S. P. M. Moreira, C. J. Jesuíno, (organizadores, 2 edição). *Representações Sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB. 29-46.
- Rubin, Z., Peplau, L. A. (1973). Who believes in a just world? *Journal of Social Issues*, 31, 65-89.

- Seliktar, O. (1986). Identifying a Society's Belief System. In Margaret Herman (org.). *Political Psychology Contemporary Problems and Issues*. San Francisco: Jossey Bass.
- Steuer, G. S. (1991). The celebrity appeal questionnaire. *Psychological Reports*, 68, 859-866.
- Tajfel, H.(1982). Comportamento Intergrupo e Psicologia Social da Mudança. *Mudança Social e Psicologia Social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H. ( 1984). Intergroup relations, social myths and social justice in social psychology. In H. Tajfel (ed.). *The social dimension*. Londres: Cambridge University Press.
- Vala, J. (1996). Representações sociais- para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M. B. Monteiro (eds.). *Psicologia Social* (2 ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Veloso, B. (2002, 16 de Dezembro). A fama como profissão. *Revista Época*, 239, 59.

## ANEXO 1 – INSTRUMENTO DO ESTUDO I

### Grupo de pesquisas sobre processos grupais – UCG

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino Idade: \_\_\_\_\_

Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) separado/ divorciado ( ) outros. Qual? \_\_\_\_\_

Qual a sua religião? ( ) católica ( ) evangélica ( ) espírita ( ) não tem ( ) outras. Qual? \_\_\_\_\_

Você estudou até que série? \_\_\_\_\_

Na sua opinião, qual é a principal razão para uma pessoa conseguir ficar famosa no Brasil?

- 1 \_\_\_\_\_
- 2 \_\_\_\_\_
- 3 \_\_\_\_\_

Depois de ficar famosa a vida de uma pessoa é:

1 2 3 4 5 6 7  
Fácil Dífícil

2.a Justifique a resposta da questão anterior

\_\_\_\_\_

—

\_\_\_\_\_

—

\_\_\_\_\_

—

3. Cite uma celebridade que você gosta, ou admira? ( ator, cantor, esportista...)

\_\_\_\_\_

—

3.a Justifique porque você gosta ou admira esta celebridade

\_\_\_\_\_

—

\_\_\_\_\_

—

\_\_\_\_\_

—

## ANEXO 2 – INSTRUMENTO DO ESTUDO II

### Universidade Católica de Goiás - Questionário

Você acha que tudo o que a pessoa faz aqui na terra ela paga aqui mesmo?

**Discordo 1 2 3 4 5 6 7 Concordo**

Você acha que a pessoa sempre recebe o troco pelo que ela faz?

**Discordo 1 2 3 4 5 6 7 Concordo**

No geral você acha que o mundo é um lugar justo?

**Discordo 1 2 3 4 5 6 7 Concordo**

Por favor, indique o seu grau de concordância com as afirmações abaixo. Circule a nota que melhor expressa a sua opinião. Quanto maior for a nota, maior será a sua concordância, sendo 1 a nota que indica a sua discordância total e 7 a nota que indica a sua concordância total.

<b>1ª PARTE</b>	<b>Discordo Totalmente</b>	<b>Discordo muito</b>	<b>Discordo</b>	<b>Nem discordo nem concordo</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo muito</b>	<b>Concordo Totalmente</b>
1.A beleza pode ajudar muito uma pessoa a subir de vida no Brasil.	1	2	3	4	5	6	7
<b>2. Se uma pessoa for muito esforçada, ela sempre vai conseguir um bom emprego.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
3.Ninguém fica rico no Brasil sendo totalmente honesto.	1	2	3	4	5	6	7
<b>4. Uma pessoa que consegue subir de vida no Brasil é uma raridade.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
5. Os pobres também conseguem enriquecer aqui no Brasil.	1	2	3	4	5	6	7
<b>6. As pessoas podem conseguir um bom emprego através de suas qualidades profissionais.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
7. O pobre tem chances de se dar bem no Brasil.	1	2	3	4	5	6	7
<b>8. Ter um amigo da alta sociedade pode abrir portas para um bom emprego.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
9. Para uma pessoa ficar rica ela precisa ter dignidade.	1	2	3	4	5	6	7
<b>10. A aparência física conta muito para uma pessoa que procura melhorar de vida no Brasil.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
11.A pessoa que conhece muitas pessoas de alto nível tem mais chances de arrumar um bom emprego.	1	2	3	4	5	6	7
<b>12.Com muito esforço próprio a pessoa pode ficar rica no Brasil.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
13.A humildade é muito importante para quem quer enriquecer no Brasil.	1	2	3	4	5	6	7
<b>14.Um dos melhores caminhos para alcançar a riqueza é a honestidade.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
Segunda parte	X	X	X	X	X	X	X
1.Gosto de saber sobre os relacionamentos amorosos das pessoas famosas.	1	2	3	4	5	6	7
<b>2. Gosto de ver fotos das casas das pessoas famosas.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>

	Discordo Totalmente	Discordo muito	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo muito	Concordo Totalmente
3. Não tenho curiosidade de saber como é o guarda roupa de uma pessoa famosa.	1	2	3	4	5	6	7
<b>4. Escolho o que vestir baseado no que as pessoas famosas vestem.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
5. Quando uma pessoa famosa faz propaganda de um produto fico mais confiante em comprá-lo.	1	2	3	4	5	6	7
<b>6. Não me interessa em saber como era o vestido de noiva de uma pessoa famosa que se casou recentemente.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
7. Não gosto de vestir roupas que entram na moda por causa de uma novela.	1	2	3	4	5	6	7
<b>8. Fico emocionado quando vejo os grandes acontecimentos da vida dos famosos.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
9. Não gosto de programas de televisão que contam o que está acontecendo na vida dos famosos.	1	2	3	4	5	6	7
<b>10. Quando morre alguém famoso, sinto como se fosse alguém que eu conhecia muito.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
11. Eu não uso um produto porque uma pessoa famosa diz que ele é bom.	1	2	3	4	5	6	7
<b>12. Fico alegre com as alegrias das pessoas famosas e fico triste com suas tristezas.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
13. Coleciono tudo o que sai nas revistas ou no comércio sobre uma pessoa famosa que admiro muito.	1	2	3	4	5	6	7
<b>14. Não me interessa em saber porque uma pessoa famosa se divorciou do marido ou da mulher.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
15. Não gosto de pôster com fotografias de pessoas famosas.	1	2	3	4	5	6	7
<b>16. Eu acho que as pessoas famosas não são bons exemplos para as pessoas seguirem.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
17. Se eu encontrasse alguém famoso, eu gostaria de pedir um autógrafo.	1	2	3	4	5	6	7
<b>18. Eu gostaria de ter uma foto minha com uma pessoa famosa que eu admiro.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
19. Eu gosto de saber detalhes do casamento de uma pessoa famosa.	1	2	3	4	5	6	7
<b>20. Eu gosto de conversar com outras pessoas que também gostam de saber sobre a vida das pessoas famosas.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
21. Eu gosto de ler revistas do estilo da revista Caras.	1	2	3	4	5	6	7
<b>22. Gostaria de ter assinatura de uma revista que trata da vida pessoal das pessoas famosas.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
23. Eu não iria a um hotel só para ver uma pessoa famosa que estivesse hospedada lá.	1	2	3	4	5	6	7
<b>24. Eu não tenho curiosidade de ir ao camarim de uma pessoa famosa.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
25. Se eu fosse a um show de um cantor que eu gosto,	1	2	3	4	5	6	7

com certeza eu tentaria ir ao camarim para encontrá-lo pessoalmente.							
	Discordo Totalmente	Discordo muito	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo muito	Concordo Totalmente
26. Acho perda de tempo procurar saber sobre a vida das pessoas famosas.	1	2	3	4	5	6	7
<b>27. Se eu pudesse gostaria de ser um artista famoso</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
28. Gostaria de ser selecionado para participar do Big Brother	1	2	3	4	5	6	7
<b>29. Atualmente a melhor forma de subir de vida é sendo cantor de dupla sertaneja.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
30. Os pobres também conseguem enriquecer aqui no Brasil.	1	2	3	4	5	6	7
<b>31. Tenho fotos de pessoas famosas em minhas coisas.</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>

#### Seus Dados Sócio-Demográficos

Qual é o seu sexo? ( ) Masculino ( ) Feminino

Qual é a sua idade? \_\_\_\_\_

Qual seu estado civil?

( ) solteiro ( ) casado ( ) separado / divorcia ( ) outros. Qual? \_\_\_\_\_

Qual é aproximadamente a renda da sua família? \_\_\_\_\_

Cite a revista que você mais gosta de ler?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Cite o programa de televisão que você mais gosta de assistir?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Muito Obrigado!

\_\_\_\_\_